

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS – CAHL
COLEGIADO DE SERVIÇO SOCIAL

VANESSA CUNHA BOAVENTURA

Representações Sociais da Velhice: estudo realizado junto aos jovens do ensino médio do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia e do Colégio Simonton, Cachoeira – BA.

CACHOEIRA

2012

VANESSA CUNHA BOAVENTURA

Representações Sociais da Velhice: estudo realizado junto aos jovens do ensino médio do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia e do Colégio Simonton, Cachoeira – BA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do Grau de Bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof^a. Ms. Marina da Cruz Silva

CACHOEIRA

2012

FICHA CATALOGRÁFICA

B662 Boaventura, Vanessa Cunha.

Representações sociais da velhice: estudo realizado junto aos jovens do ensino médio do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia e do Colégio Simonton, Cachoeira- BA/ Vanessa Cunha Boaventura – Cachoeira, 2012. 96f. ; 22 cm.

Orientador: Prof^o Ms. Marina da Cruz Silva.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2012.

1.Velhice. 2.Representação social. 3.Imagem.

I.Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. II.Título.

CDD: 304.55

VANESSA CUNHA BOAVENTURA

Representações Sociais da Velhice: *estudo realizado junto aos jovens do ensino médio do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia e do Colégio Simonton, Cachoeira – BA.*

CACHOEIRA/BA, APROVADA EM ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ms. Marina da Cruz Silva (Orientadora)

UFRB

Profa. Ms. Patrícia Verônica Pereira dos Santos (Membro)

UFRB

Prof. Dr. Wilson Rogerio Pentead Junior (Membro)

UFRB

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pelo dom da vida, por ser presença constante em minha vida, me dando forças para seguir em frente e por me permitir viver momentos únicos durante a academia.

Agradeço às minhas mães, Flavia e Eunira, por me incentivarem e apoiarem sempre. Por todos os empenhos em prol de minha educação, proporcionando-me o melhor e ensinando-me a buscar sempre mais. Muito obrigada!

Às minhas irmãs – Larissa e Leandra, por todo apoio; à minha madrinha Rita e às primas Karine e Anna Alice, por todo incentivo durante esse período.

Ao meu namorado Rafael, pela compreensão nos momentos em que precisei me ausentar. Por ter me dado forças nos momentos de desânimo e me apoiado nas minhas “loucuras”. Amo você!

As minhas amigas queridas que fiz nesses quatro anos, que levarei para toda a vida - Fernanda “minha alma gêmea”, que esteve ao meu lado em toda a trajetória, à Sida, Lorena e Valdeci, com vocês aprendi outro jeito de ver e viver e os meus dias se tornaram melhores!

Agradeço a todos professores na jornada acadêmica, que foram imprescindíveis para minha formação.

Em especial, agradeço a minha super orientadora – Marina da Cruz Silva – por todos os ensinamentos passados. Por ter me “introduzido” no mundo da pesquisa e por me estimular a fazer um trabalho cada vez melhor, pela paciência, por todas as orientações e carinho dispensados em meu processo de construção, na vida acadêmica em geral. Com a senhora eu aprendi muito!

*“Antes de mim vieram os velhos
Os jovens vieram depois de mim
E estamos todos aqui
No meio do caminho dessa vida
Vinda antes de nós
E estamos todos a sós
No meio do caminho dessa vida
E estamos todos no meio
Quem chegou e quem faz tempo que veio
Ninguém no início ou no fim
Antes de mim
Vieram os velhos
Os jovens vieram depois de mim
E estamos todos aí.”*

Música: “Velhos e Jovens”
(ARNALDO ANTUNES)

RESUMO

Estudos recentes têm demonstrando que a imagem da velhice vem se modificando, à essa fase da vida não são associadas apenas aspectos negativos, como também são reconhecidos e possibilidades. O presente trabalho monográfico objetivou conhecer as representações sociais dos jovens de Cachoeira - BA sobre a velhice e desvelar os principais estereótipos no que se refere à imagem do velho. A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia e no Colégio Simonton com os jovens do ensino médio. Trata-se de uma pesquisa de cunho quali-quantitativo. Para tal, realizou-se pesquisa de campo, com aplicação de entrevista e questionário com perguntas abertas e fechadas. Para a análise dos dados coletados, utilizou-se o programa SPSS Statistics (Pacote Estatístico para as Ciências Sociais), sendo posteriormente, feita a análise dos dados. Ao todo, foram aplicadas 25 entrevistas e 143 questionários com jovens com idade entre 14 e 21 anos. Uma das principais contribuições da pesquisa foi revelar que a juventude reconhece os pontos positivos e negativos da velhice, demonstrando, o que poderia ser denominado de imagem ambígua dessa fase da vida. A pesquisa contribuiu para fomentar dados no que tange às representações sociais que os jovens têm da velhice, como a encaram e a percebem.

Palavras-chave: Velhice, Juventude, Representações Sociais, Percepções, Imagens.

ABSTRACT

Recent studies have demonstrated that the image of aging is changing, at this stage of life are not only associated with negative aspects, but also are recognized and possibilities. This monograph aimed to identify the social representations of young Cachoeira - BA about aging and reveal the main stereotypes regarding the image of the old. The research was conducted in the State College Edvaldo Brandão Correia and College Simonton with young high school. This is a survey of qualitative and quantitative nature. To this end, we carried out field research with application and interview questionnaire with open and closed questions. For data analysis, we used SPSS Statistics (Statistical Package for the Social Sciences), and subsequently made the data analysis. In all, 25 interviews were applied and 143 questionnaires with young people aged between 14 and 21 years. One of the main contributions of the research was to reveal that youth recognizes the strengths and weaknesses of old age, demonstrating what could be called ambiguous image of this phase of life. The research helped to foster data in relation to the social representations that young people have of old age, how to face and understanding.

Key-words: Old age, Youth, Social Representations, Perceptions, Images.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA VELHICE NA ATUALIDADE.....	13
<i>1.1 CONSTRUÇÃO SOCIAL: BREVES REFLEXÕES</i>	<i>13</i>
<i>1.2 REPRESENTAÇÃO SOCIAL E IMAGEM: BREVE DISTINÇÃO</i>	<i>14</i>
<i>1.2.1 Representação Social: conceito e breve recorte histórico</i>	<i>14</i>
<i>1.2.2 O termo imagem: sucinta reflexão conceitual.....</i>	<i>16</i>
<i>1.3 AS DIVERSAS REPRESENTAÇÕES DO TERMO VELHICE.....</i>	<i>18</i>
<i>1.3.1 Velho.....</i>	<i>19</i>
<i>1.3.2 Idoso</i>	<i>20</i>
<i>1.3.3 Terceira Idade</i>	<i>22</i>
<i>1.4 BREVES CONSIDERAÇÕES.....</i>	<i>24</i>
2 JOVENS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VELHICE.	25
<i>2.1 BREVE CONCEITO DE GERAÇÃO.....</i>	<i>25</i>
<i>2.2 RELAÇÕES INTERGERACIONAIS: O JOVEM E O VELHO</i>	<i>28</i>
<i>2.3 REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VELHICE NA MÍDIA IMPRESSA E FALADA.....</i>	<i>30</i>
<i>2.3.1 O velho na televisão</i>	<i>32</i>
<i>2.3.1.1 Nas novelas.....</i>	<i>33</i>
<i>2.3.1.2 Na propaganda.....</i>	<i>34</i>
<i>2.3.2 O velho nas revistas impressas</i>	<i>36</i>
<i>2.3.3 O velho no jornal.....</i>	<i>37</i>
<i>2.3.4 Considerações da imagem do velho na mídia.....</i>	<i>38</i>

3 METODOLOGIA DA PESQUISA	39
3.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS	39
3.2 COLETA DE DADOS	43
3.2.1 Breve caracterização do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia	44
3.2.2 Breve caracterização do Colégio Simonton	45
3.3 DADOS DEMOGRÁFICOS DE CACHOEIRA: LÓCUS DA PESQUISA	46
4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A VELHICE A PARTIR DOS JOVENS DO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO ESTADUAL EDVALDO BRANDÃO CORREIA E DO COLÉGIO SIMONTON EM CACHOEIRA-BA	48
4.1 DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DOS SUJEITOS DA PESQUISA: OS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO ESTADUAL EDVALDO BRANDÃO CORREIA E DO COLÉGIO SIMONTON	48
4.1.1 As várias imagens da velhice	53
4.1.2 Aspectos positivos do envelhecimento	63
4.1.3 Aspectos negativos do envelhecimento	67
4.1.4 Preconceitos, medos e estigmas em relação à velhice	72
4.2 BREVE CONSIDERAÇÃO	74
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIA	80
APÊNDICE	

INTRODUÇÃO

Estudos referentes ao envelhecimento populacional concluem que o número de pessoas idosas tem crescido numa proporção maior do que o número de pessoas que nascem. No Brasil, seguindo semelhante tendência internacional, o ritmo de crescimento da população idosa tem sido sistemático e consistente (SÍNTESE DE INDICADORES SOCIAIS, IBGE, 2010, p.191).

Embora seja evidente o aumento significativo do número de idosos no Brasil – de acordo com o Censo Demográfico de 2010, quando o país tinha 14 milhões de pessoas com mais de 65 anos - ainda se faz necessário conhecer um pouco mais sobre esse segmento populacional, principalmente no que se refere às representações sociais da pessoa velha.

Segundo Rodrigues e Soares (2006, p.3), *“é demonstrado que uma população é considerada envelhecida quando a proporção de idosos atinge o índice entre 10-12% do total dessa população com tendência ao aumento do índice desse percentual”*. Portanto, o Brasil pode ser considerado como um país envelhecido ou em processo de envelhecimento, uma vez que no período de 1999 a 2009, a proporção dos idosos (60 anos ou mais de idade) no conjunto da população passou de 9,1% para 11,3% (SÍNTESE DE INDICADORES SOCIAIS, IBGE, 2010, p.191).

Apesar do aumento das pessoas idosas no país configurar como algo inquestionável, estudos e pesquisas têm demonstrado a existência recorrente de imagem negativa do envelhecimento e da velhice, e o enaltecimento do modelo de homem e mulher “ideais”, os quais não envelheceriam. Esse mesmo modelo, bastante difundido na sociedade brasileira através dos mais diversos recursos midiáticos, ressalta o antropólogo Daniel Lins (2002), *“depende a imagem da velhice”*.

Ademais, é preciso frisar que parte dos estudos que envolvem pessoas idosas intencionam, em sua maioria, verificar o comportamento da sociedade através das atitudes, opiniões e percepções relacionadas ao envelhecimento, uma vez que *“[...] o velho aparece aos indivíduos ativos como uma 'espécie estranha', na qual eles não se reconhecem”* (BEAUVOIR, 1990, p. 266).

No caso específico de estudo dedicado à representação social da velhice no Brasil, Debert (1996, p.7) destaca que *“as novas imagens do envelhecimento e as*

formas contemporâneas de gestão da velhice no contexto brasileiro [...], são ativas na revisão dos estereótipos pelos quais as etapas mais avançadas da vida são tratadas”.

Nesse sentido, é válido lembrar que em cada período da vida há um papel social, definido por normas de comportamento, o qual é influenciado por diferentes implicações de valor. Em nossa sociedade, há uma tendência à marginalização das pessoas idosas, resultado de condicionamentos socioculturais, na qual a supervalorização da juventude é evidenciada em detrimento de tudo o que é considerado velho. Segundo Fernandes e Duarte (2009, p.120): “os jovens brasileiros tornam-se assim, vulneráveis à absorção de estereótipos negativos relacionados aos idosos e à velhice”.

Por compreender a velhice e a juventude como uma categoria social¹ e culturalmente construída, este estudo visa conhecer as percepções da velhice e as imagens da pessoa velha a partir do olhar da juventude na cidade da Cachoeira, tendo como sujeitos da pesquisa os estudantes do ensino médio do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia e Colégio Simonton. Sendo assim, o problema que norteou a pesquisa foi: quais as representações sociais que os jovens do ensino médio do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia e do Colégio Simonton da cidade da Cachoeira – BA tem acerca da velhice? Com isso, almeja-se identificar as representações sociais desses jovens sobre a velhice e desvelar os principais estereótipos e/ou preconceitos no que se refere às imagens do velho.

No decorrer da pesquisa, procurou-se conhecer quais as representações sociais que os jovens de família **com idosos** ou de família **de idosos**² têm da velhice, considerando-se que um grande número de idosos são chefes de família³, os quais colaboram ou mantêm a casa sozinhos. O intuito é, sobretudo, nesse caso, tentar

¹Assim como a velhice, a juventude pode ser definida uma categoria social, ao mesmo tempo em que é uma representação sociocultural. Essa definição faz da juventude algo mais do que uma faixa etária ou uma “classe de idade”, ao se referir a limites etários restritos, a saber: 13 a 20 anos, 17 a 25 anos, 15 a 21 anos etc. Portanto, a juventude é uma “concepção, representação ou criação simbólica” para designar comportamentos e atitudes atribuídos aos indivíduos tido como jovens. (GRAPPO, 2000, p.7-8) Para maior aprofundamento ler: GRAPPO, Luís Antonio. **Juventude: Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL 2000. 308p.

²**Famílias de idosos**, onde o idoso é chefe ou cônjuge e **famílias com idosos**, onde os idosos moram na condição de parentes do chefe (CAMARANO, GHAOURI, 2002, p.03). Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_ENV_ST23_camarano_texto.pdf, acesso em 11 de outubro de 2012.

³No Brasil, de acordo com o Censo 2010, **21,9%** dos lares eram chefiados por idosos (com 60 anos ou mais). Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/resultados_d_o_universo.pdf, acesso em 20 de outubro de 2012.

compreender melhor a possível influência no processo de construção das representações sociais da velhice para os jovens que têm uma maior ou menor convivência com a pessoa velha.

Quanto à metodologia da pesquisa, num primeiro momento, fez-se uso da metodologia qualitativa, quando os sujeitos da pesquisa foram convidados a elaborar um texto dissertativo acerca da velhice no geral. Apesar dos textos serem curtos e não seguirem a trilha dissertativa, esse material foi de fundamental importância para a construção da etapa seguinte da pesquisa, isto é, a elaboração de um questionário semiestruturado, com perguntas abertas e fechadas, o qual foi elaborado através das variáveis extraídas das respostas do primeiro instrumento de pesquisa (redação). Ressalte-se que o pré-teste do questionário foi aplicado com outros jovens, que não estudantes das escolas pesquisadas. Para tabulação dos dados quantitativos, utilizou-se o programa SPSS Statistics (Pacote Estatístico para as Ciências Sociais).

Optou-se por aplicar a pesquisa junto aos jovens no ensino médio, por considerar que é de suma importância conhecer a compreensão deles acerca do processo de envelhecimento, como algo inerente ou não à sua própria realidade, visando identificar as imagens e as representações sociais que eles atribuem à velhice.

Quanto ao número de jovens e idosos na Bahia, de acordo com o IBGE (2010)⁴, temos a seguinte distribuição: o número de jovens com idade entre 15 a 19 anos é de 1.326.320 pessoas; de 20 a 24 anos são 1.303.709 pessoas. Quanto aos idosos de 60 a 69 anos, são 777.314 pessoas e de 70 anos ou mais são 672.695 pessoas. No que se refere aos dados demográficos de Salvador, a capital do Estado, dos jovens com idade de 15 a 19 anos são 215.839 pessoas, de 20 a 24 anos são 251.094 pessoas. O número de velhos com idade de 60 a 69 anos corresponde a 140.692 pessoas de 70 anos ou mais, 107.277 pessoas. Quanto aos dados da Cachoeira, tem-se o seguinte: dos jovens com faixa etária de 15 a 19 anos, o total é de 3.276 pessoas; com idade de 20 a 24 anos são 3.141 pessoas; para a população com idade de 60 a 69 anos, contabilizam-se 1.677 pessoas aquelas com 70 anos ou mais corresponde a uma cifra de 1.634 pessoas.

Considerando os objetivos e o problema de pesquisa, o presente trabalho monográfico está dividido em quatro capítulos. O primeiro, denominado de “A construção social da velhice na atualidade” traz uma breve reflexão sobre o conceito de

⁴IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=ba&tema=censodemog2010_amostra

construção social, uma vez que no estudo em questão, é abordada a influência do processo de construção social da velhice sob a perspectiva dos jovens. Além deste, discute-se o conceito de representação social, imagem e as diversas representações do termo velhice. Conceitos esses que são de fundamental importância para a compreensão do objeto de estudo.

O segundo capítulo dedica-se a estudar as representações sociais da velhice, passando pelo conceito de gerações, relações intergeracionais entre jovens e velhos; uma vez que esses são de essenciais para compreender a construção social da velhice pelos jovens. Além de elencar as representações sociais da velhice na mídia impressa e falada e as respectivas influências desses estudos no processo de construção social da velhice.

No terceiro capítulo, são apresentados os percursos metodológicos da pesquisa e o instrumental de coleta de dados além dos dados demográficos da cidade de Cachoeira.

O quarto e último capítulo, intitulado de *“Representações Sociais sobre a velhice a partir dos jovens do ensino médio do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia e do Colégio Simonton em Cachoeira-BA”*; apresenta, discute e analisa os dados levantados nos dois colégios acerca da imagem e autoimagem da velhice a partir dos estudantes do ensino médio. Por fim, são apresentadas as considerações finais do trabalho monográfico.

1 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA VELHICE NA ATUALIDADE

1.1 Construção Social: *breves reflexões*

O termo construção social é utilizado em várias áreas do conhecimento⁵, tendo como pano de fundo central analisar a sociedade e suas respectivas mudanças sociais. Berger e Luckmann (2004), na obra “A Construção Social da Realidade”, argumentam que o conhecimento direciona a conduta da vida cotidiana. De acordo com esses autores, a realidade da vida cotidiana é dividida entre dois indivíduos ou mais, através da interação social. Para que ocorra esse tipo de interação, faz-se necessária a utilização do sistema de sinais, com destaque especial para a linguagem, uma vez que a mesma é fundamental para o entendimento da realidade.

Para Berger e Luckmann (2004), toda realidade é construída a partir da relação do sujeito com o mundo, portanto, é subjetiva. É válido frisar que a construção social da realidade ocorre numa perspectiva dialética, assim, “o homem constrói a realidade social ao mesmo tempo em que é por ela influenciado”. Sabe-se que tudo que é feito e/ou construído pelo ser humano está sujeito a tornar-se hábito, passando, pois, a ser institucionalizado. Para os autores em foco, a instituição, sendo um fato social, é coercitiva, coletiva e exterior ao ser humano. Todavia, ao ser vista e percebida em perspectivas diferentes pelos “homens comuns” acaba formando o conhecimento. Desse modo, pode-se apreender que a relação entre o indivíduo e o mundo social é determinada pela percepção do mundo que o indivíduo tem (que passa a ser o seu conhecimento) e que construiu influenciado pelo próprio mundo.

De acordo com Oliveira (2000, p.2), a construção social, ocorre em três níveis: indivíduos, grupo e sociedade. O indivíduo percebe os fatos, aplica nos fatos os seus valores e obtém seu conhecimento, desenvolvendo, desta forma, sua ideologia individual (seus valores e ideias individuais). É válido lembrar que esse indivíduo pertence a vários grupos, ou a uma classe, e suas ideias o ajudarão a formar a ideologia desses grupos/dessa classe juntamente com o contexto social no qual estão inseridos. Sem lugar a dúvidas, os diversos valores, as várias ideologias de classes irão interagir e subjugar umas às outras, formando uma determinada ideologia, isto é, conjunto de

⁵ A exemplo: sociologia, filosofia, história etc.

ideias da sociedade. Logo, nessa perspectiva, a construção social implica em compreender o fenômeno, em seu fazer cotidiano, no qual os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura, mas exercem influência sobre a mesma.

Isso posto, pode-se afirmar que a temática “envelhecimento” perpassa pelo estudo da construção social, uma vez que a mesma não deixa de ser influenciada pelos aspectos culturais, políticos e econômicos relativos aos valores, preconceitos e sistemas simbólicos que permeiam a história das sociedades. Esses fatores socioculturais definem o olhar que a sociedade⁶ tem sobre os idosos e o tipo de relação que ela estabelece com esse segmento populacional.

Heck e Langdon (2002 *apud* Jardim; Medeiros; Brito, 2006, p. 3) expõem que “*o processo de envelhecimento apresenta variações construídas socialmente nos diferentes grupos sociais, de acordo com a visão de mundo compartilhada em práticas, crenças e valores.*” Sem lugar a dúvidas, as relações sociais são fundamentais na formação identitária, uma vez que é no convívio com os outros que o sujeito internaliza características, como ideias, comportamentos e hábitos, os quais poderão ser apropriadas por ele.

1.2 Representação Social e imagem: uma breve distinção

1.2.1 Representação Social: conceito e breve recorte histórico

O conceito de representação social surgiu a partir da ideia de representação coletiva, desenvolvida por Durkheim (1990). Foi empregado na elaboração de uma teoria da religião, da magia e do pensamento mítico. Para o sociólogo, os fenômenos coletivos não podem ser explicados em termos de indivíduo, os mesmos são produto de uma comunidade ou de um povo. Para Durkheim (1990, p.157-158), as categorias são representações essencialmente coletivas:

⁶ No estudo em questão, iremos abordar a influência do processo de construção social da velhice sob a perspectiva dos jovens.

Traduzem antes de tudo estados da coletividade: elas dependem da maneira pela qual esta é constituída e organizada, de sua morfologia, de suas instituições religiosas, morais, econômicas etc. Existe, pois, entre dois tipos de representações, toda a distância que separa o individual do social e não se pode mais derivar o segundo do primeiro como não se pode deduzir a sociedade do indivíduo, o todo da parte, o complexo do simples [...] As representações que exprimem têm, pois, um conteúdo inteiramente diferente das representações puramente individuais e pode-se ter a certeza, por antecipação, que as primeiras acrescentam qualquer coisa às segundas.

As representações coletivas são produto de uma imensa cooperação, na qual se misturam e combinam ideias e sentimentos. Durkheim (1990) afirma que existem dois seres: um *ser individual*, que tem sua base no organismo e cujo campo de ação se encontra estreitamente limitado; e um *ser social*, que representa em nós a mais alta realidade, de ordem intelectual e moral e que só se pode conhecer pela observação (a sociedade). Ao fazer a separação entre o indivíduo e o social, Durkheim fundamenta-se numa concepção de que as regras que comandam a vida individual (representações individuais) não são as mesmas que regem a vida coletiva (representações coletivas).

Para o autor supracitado, os conceitos são representações coletivas, uma vez que eles são comuns a todo um grupo social e não porque representam uma simples média entre as correspondentes representações individuais. Eles são, antes de tudo, representações coletivas, porque “*acrescentam àquilo que nossa experiência pessoal pode nos ensinar tudo o que a coletividade acumulou de sabedoria e de ciência ao longo dos séculos*” (DURKHEIM, 1990, p. 175).

Em 1961, Serge Moscovici (1978) retoma o conceito de representação social, no campo da psicologia social em sua pesquisa “*La Psychanalyse: son image et son public*”. O autor partiu do enunciado de Durkheim sobre “representações coletivas”, que são construídas pela sociedade como um todo. A mudança do termo representações coletivas para representações sociais relaciona-se à forma como Moscovici pensa a sociedade contemporânea.

Diante do exposto, é válido afirmar que a teoria das representações sociais é um marco nas ciências sociais, uma vez que permite uma melhor compreensão da realidade cotidiana da vida moderna. Destaca-se também que um mesmo objeto pode ter várias representações, dependendo do grupo ao qual o sujeito pertence.

Para Moscovici, a representação social objetiva *tornar algo não-familiar em familiar*, fazendo com que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade. Ela permite compreender a natureza simbólica e social do conhecimento na produção de significações, uma vez que no processo de construção do conhecimento sobre o objeto, o sujeito imprime seus determinantes sociais de gênero, raça, classe social, crenças, dentre outros.

1.2.2 O termo imagem: *sucinta reflexão conceitual*

A palavra imagem é oriunda do latim *imago*. Segundo Silveira (2005, p.114), há várias formas de se definir o termo imagem, dependendo do seu foco de estudo. Para a autora, normalmente utilizamos o termo para designar a representação de algo por semelhança. Ou seja, é utilizado para representar uma ideia de pessoa ou coisa, caracterizando de acordo com a lembrança/semelhança que se tem. Geralmente, é a impressão geral que alguém deixa ou transmite sobre uma pessoa/grupo.

Desde que surgiu, o conceito de imagem está relacionado a vários discursos: literários, estéticos, filosóficos, sociológico ou semiológico⁷. Existem várias formas de conceituar o termo imagem, dependendo do foco do estudo. De acordo com Araújo (2008, p. 1), “*alguns autores têm procurado focalizar a imagem não tanto como um simples objeto, mas como uma forma de ver e de pensar, ou seja, uma maneira de ser no mundo, um estado do olhar e do pensamento*”. Cabe destacar, ainda segundo o autor, que as imagens também apresentam o cenário no qual as atividades diárias, os atores sociais e o contexto sociocultural são articulados e vividos.

Barbosa e Cunha⁸ (2006, p.54-55 *apud* ALBUQUERQUE E ARAPIRACA, p. 2) ampliam a significação do termo imagem para o mundo contemporâneo quando evidenciam que:

⁷ Semiótica é a ciência que estuda os signos (tudo aquilo que representa algo para alguém), podendo ser objetos perceptíveis ou apenas imagináveis (SANTANELA, 1983, p.13 *apud* SILVEIRA, 2005, p.16)

⁸ BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgard Teodoro da. **Antropologia e imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2006.

a imagem sempre esteve presente na experiência humana se a entendermos como qualquer representação da “realidade”. [...] A comunicação se estabelece por meio de signos e estes se transformam culturalmente em significações. As representações são justamente as manifestações exteriores dessa significação construídas pelos indivíduos em seu fazer cotidiano.

Neste sentido, compreende-se a imagem como uma representação ou caracterização que as pessoas fazem acerca de determinado objeto ou pessoa. Isso posto, é válido frisar que as imagens podem ser veiculadas através da comunicação visual, por meio da televisão, de revistas, cartazes, vestimentas, ou somente através da comunicação verbal.

No que se refere às imagens acerca da velhice, Caldas e Thomaz (2010, p. 78) argumentam que as mesmas estão relacionadas a um movimento de constante criação, o qual é também responsável pela construção da identidade do próprio velho, uma vez que, quando ele se depara com determinada imagem social da velhice, é capaz de se apropriar de características que compõem essa imagem, modificando ou não sua identidade pessoal.

As imagens sobre a velhice, segundo Simões (1999), incidem nas sensações e impressões que a velhice e as pessoas velhas deixam para os demais grupos etários. A autora ainda elenca que a velhice não resulta apenas dos aspectos negativos, mas uma *imagem sofrida* da velhice é fruto do ambiente social.

Sobre esse aspecto, Debert (2004) alerta para a nova imagem do idoso, uma vez que não oferece instrumentos capazes de enfrentar a decadência de habilidades cognitivas e controles físicos e emocionais, para que o indivíduo seja reconhecido como um ser autônomo, capaz de um exercício pleno de cidadania.

Ventura e Bokany (2007, p.28), em seu estudo, comprovam que “*a imagem da velhice é mais negativa que positiva, mas está longe de ser apenas negativa*”, uma vez que em pesquisas nacionais, os próprios idosos afirmam que ser velho hoje é melhor do que na época em que eram mais jovens. Sob essa perspectiva, Debert (2004, p.66) alerta que as novas imagens da velhice oferecem um quadro mais positivo do envelhecimento, porque passa a ser concebido como uma “*experiência heterogênea*”, na qual a doença física e o declínio mental - considerados fenômenos normais nessa fase da vida - são definidos como condições gerais que afetam as pessoas em qualquer fase.

Portanto, utilizar-se-á, neste estudo, o termo representação social, como categoria de análise social, o qual nos auxiliará a compreender melhor as concepções dos grupos, através da inter-relação entre os atores sociais e o contexto no qual estão inseridos. Desta forma, parte-se do pressuposto que as representações sociais da velhice e/ou a imagem representam socialmente a velhice e o significado que esta adquire na vida dos indivíduos.

1.3 As diversas representações do termo velhice

Várias nomenclaturas são utilizadas para designar a palavra velhice, a saber: velho, idoso, terceira idade, velhote, quarta idade, melhor idade, feliz idade, dentre outros. O uso desses termos em detrimento de outro indica as várias formas como o velho ou a velha é concebido por determinada sociedade. Tratam-se, na verdade, de construções sociais, utilizadas para situar esta população dentro do contexto social. Normalmente, o surgimento de novos termos procura camuflar a estigmatização e o preconceito que a palavra “velho” traz em seu cerne, sendo muito comum o uso do eufemismo, para tentar “vender” o lado positivo do envelhecer.

Araújo e Carvalho (2004) e Papaléo Netto (2006) abordam a diferença entre os termos ‘velho’, ‘idoso’, ‘velhice’ e ‘envelhecimento. Velho ou idoso (resultado final) são pessoas com ou mais de 60 anos de idade⁹, velhice (fase da vida) seria a última fase do ciclo de vida e envelhecimento (processo), estaria atrelado às mudanças físicas, funcionais, psicológicas e sociais. Observe-se que os autores usam os termos velho e idoso como sinônimos, não estabelecendo nenhum tipo de distinção conotativa entre eles.

Rosemberg (1992 *apud* SANTOS, 2002), assim como Leslett (1989), definem a velhice como a época em que as tarefas básicas em relação à família e ao desempenho profissional já foram, em parte, cumpridas. Assim sendo, o indivíduo pode se sentir livre para realizar seus desejos.

⁹ De acordo com o Estatuto do Idoso.

1.3.1 Velho

A palavra ‘velho’ traz, em seu significado, aspectos negativos e positivos, podendo estar relacionada, por exemplo, a algo sem utilidade, sem valor, descartável, estragado. Por outro lado, pode estar associada à experiência, sabedoria, algo precioso, além de trazer consigo um significado um tanto carinhoso, como na expressão “meu velho”.

Nas construções em torno das representações e das experiências sobre a velhice, deve-se levar em consideração as diferenças de gênero, classe, credos religiosos, etnia, dentre outros, haja vista que essas dimensões são essenciais para análise da identidade dos velhos, que “*não se apresenta de forma homogênea*” (BARROS, 2007, p.9).

De acordo com Caldas e Thomaz (2010, p.81): “a palavra ‘velho’ tem sido associada a um termo depreciativo, carregado de significados negativos e preconceituosos”. Geralmente, as pessoas que são chamadas de ‘velhas’ são caracterizadas como sofredora de alguma doença, feias, tristes, solitárias e abandonadas. O termo pode ser considerado por muitos, até certo ponto, como agressivo. Pode-se evidenciar que essas características levam a estigmatização da velhice, esta que, segundo Barros (2007, p.140) “*se coloca para alguns indivíduos, não para todos*”. A velhice ainda pode estar associada a uma fase de perdas: perda de autonomia, de independência, de papéis sociais e também à “*ausência de uma vida sexual ativa*” (DEBERT, 2004, p.26).

Peixoto (2007) destaca que a questão da velhice na França do séc. XX impunha-se para caracterizar as pessoas que não podiam assegurar seu futuro financeiramente, enquanto os que detinham posição social eram designados idosos. No Brasil, a conotação negativa do termo “velho” passou por um processo semelhante ao da França, sobretudo por representar as pessoas de mais idade que pertenciam às camadas populares, que apresentavam mais nitidamente os traços do declínio e do envelhecimento.

Ainda de acordo com a autora supracitada, os termos ‘velho’ e ‘velhote’ eram empregados para reforçar uma situação de exclusão daqueles que, “despossuídos, indigentes, não tinham *status social*.” Velhos eram aqueles que “sem trabalho e desassistido pelo Estado, potencializava seu estado de pobreza”. A autora ainda afirma

que, no Brasil, devido à expansão do acesso aos direitos previdenciários (especialmente à aposentadoria), a velhice passou a ser associada à incapacidade para o trabalho. “*Ser velho é pertencer à categorização emblemática dos indivíduos idosos e pobres*” (PEIXOTO, 2007, p. 72). Desta forma, pode-se perceber uma imagem negativa do velho (aposentado), que, devido a sua idade cronológica, em grande parte, é excluído da rede produtiva.

Debert (2004, p.25) aborda que em nossa sociedade, a velhice, mesmo quando não se associa à pobreza ou à invalidez, tende a ser vista como um período dramático, uma vez que implica a passagem (indesejada) de um “*mundo amplo e público para um mundo restrito e privado*”. Verifica-se, desta forma, que o velho ao ingressar no “mundo dos aposentados”, ao deixar de trabalhar, deixa de exercer atividades e funções, que antes exercia e isso impacta negativamente tanto na forma como os outros lhe vêem, bem como na forma que ele próprio se vê.

Dias (1998, *apud* RODRIGUES & SOARES, 2006, p.8) discute o significado social de ser velho. Para o autor, o “ser velho” representa um conjunto de atribuições e transformações negativas que estão ligadas ao conceito tradicional de velhice. No imaginário social, ao velho, são associadas estagnação e perdas que levam à ruptura e ao isolamento, além da inflexibilidade, que resulta do apego a valores ultrapassados e cristalizados que conduzem também ao isolamento social.

Pensar a velhice como identidade social possibilita perceber que esta fase da vida corresponde a uma determinada classificação, uma vez que “*há uma atribuição por parte da sociedade e uma auto-atribuição concomitante da identidade etária*” (BARROS, 2007, p.130), que separa e organiza os indivíduos por parâmetro de idade. Ainda é válido elucidar que na interação social, as características que são atribuídas aos velhos sofrem variações, o que faz com que sejam bem ou mal valorizadas.

1.3.2 Idoso

Na França, a partir dos anos 60, do séc. XX, devido ao surgimento da nova política social para a velhice, houve uma mudança na estrutura social, visto que “*a elevação das pensões fez com que o prestígio dos aposentados aumentasse*”

(PEIXOTO, 2007, p. 73) Desta forma, os termos de tratamento e a percepção das pessoas envelhecidas também mudaram. Diante disso, certos vocábulos passaram a ser considerados pejorativos, sendo os mesmos suprimidos dos textos oficiais, principalmente dos títulos de comissões governamentais de estudos acerca da velhice (PEIXOTO, 2007, p.73).

No Brasil, a mudança da imagem da velhice aconteceu de forma muito parecida com o que ocorreu na França, Peixoto (2007) destaca que no país só o termo “velho” foi substituído pelo termo “idoso” por volta da segunda metade do século XX, sendo adotado o vocábulo idoso tanto nos textos oficiais, bem como em muitas análises sobre a velhice. Esta mudança foi produto da universalização dos sistemas de aposentadoria e da consolidação da gerontologia.

A palavra ‘idoso’ passou a ser utilizada com o intuito de reforçar uma visão “menos estereotipada” da velhice. A adoção desse novo termo tem sido muito criticada por especialistas do tema, pois consideram que “*o termo idoso não é tão preciso quanto velho, mesmo que seja mais respeitoso*” (PEIXOTO, 2007, p.73). A palavra “idoso” tem sido utilizada tanto para caracterizar a população envelhecida, de modo geral, quanto para fazer menção à população velha mais favorecida socialmente.

A denominação ‘idoso’, de acordo com Peixoto (2007), restringia-se às pessoas que tinham *status social*, oriundos da experiência em cargos políticos, resultante da situação financeira privilegiada ou de alguma atividade que era valorizada socialmente. Segundo a autora, “*essa classificação tem origem numa época em que nas relações do processo de produção, a força de trabalho era o bem que o indivíduo das classes menos favorecidas tinha para vender*” (p.75). A partir de então, “os problemas dos ‘velhos’ passaram a ser vistos como ‘necessidade dos idosos’”.

O vocábulo “idoso” tem sido também associado a uma imagem positiva da velhice, sendo o termo considerado “mais decente” do que “velho”, sobretudo pelo fato de não remeter à ideia de inutilidade. Logo, traz consigo uma conotação social de velho respeitado. Peixoto (2007) destaca a ambivalência do termo e afirma que “velho” e “idoso” podem se confundir, porém “idoso” marca um tratamento mais respeitoso, como “*personne âgée praticado na França*”.

Neri (2007) aponta que os próprios velhos preferem ser chamados de idosos, levando em consideração os aspectos negativos embutidos na palavra “velho”, que passa a ser sinônimo de decadência. Da mesma forma, Simões (1999, p.15), constatou,

em seu estudo, que os velhos, ao atingirem a velhice preferem ser tratados como “idosos”. Verifica-se, desta forma, que eles aderiram às “transformações semânticas” da sociedade, em face ao termo velho, que tem conotação pejorativa. A autora supracitada afirma que ser idoso, além de ser um fato etário, é também um conjunto de convenções sociais.

1.3.3 Terceira Idade

A expressão Terceira Idade, surgiu na França, a partir de 1962. As novas dimensões da velhice e do processo de envelhecimento ganham dimensão com o termo “terceira idade”.

Percebe-se que a criação de novas linguagens em oposição às antigas formas de tratamento dos velhos ocorre face ao aumento do número de aposentados, uma vez que estes mostram ter peso suficiente na sociedade, demonstrando ter independência financeira e meios para tornar reais suas expectativas (DEBERT, 2007, p. 162). Logo, a denominação “terceira idade” começou a ser utilizada com a entrada do idoso no mercado consumidor, devido à expansão do sistema de aposentadoria. Portanto, a ideia de terceira idade nos remete a uma velhice produtiva e, sobretudo, ativa.

A autora supracitada elenca que nas sociedades industriais, a partir da criação da aposentadoria, o ciclo de vida é reestruturado, são estabelecidas três etapas: *a infância e a adolescência* (tempo de formação), *a idade adulta* (tempo de produção) e *a velhice* (idade do repouso, tempo do não trabalho) (PEIXOTO, 2007, p.80).

O termo “terceira idade” exprime a nova situação do velho, não é sinônimo de pobreza, decadência, nem de doença, ele designa um envelhecimento ativo e independente. Rodrigues e Soares (2006, p.8) afirmam que ‘terceira idade’:

Constitui um segmento geracional dentro do universo de pessoas consideradas idosas, ou seja, são os “velhos jovens” com idade entre sessenta e oitenta anos. Já os idosos com mais de oitenta anos passaram a compor a Quarta Idade, os “velhos velhos”, essa sim, identificada com a imagem tradicional da velhice.

Silva (2008) elenca que a terceira idade pode ser entendida como uma nova identidade, autônoma e diferenciada da identidade da velhice e que seu surgimento pode ser compreendido como uma negação social da velhice propriamente dita. A autora ainda destaca que, no lugar das tradicionais imagens que articulavam o envelhecimento apenas “ao descanso, à quietude e à inatividade”, surge um modelo de identidade que, na sua definição, inclui “o estímulo à atividade, a aprendizagem, a flexibilidade, o aumento da satisfação pessoal e a formação de vínculos afetivos inéditos” (SILVA, 2008, p.802).

Laslett (1989 *apud* SILVA, 2008, p.803) propõe o entendimento da terceira idade como pertencente a uma ordem numérica que percorre todo o curso da vida e propõe uma divisão “quadripartida”. Assim, há uma redefinição de todo o ciclo de vida, em surgimento da noção de terceira idade, desta forma, transforma a infância (momento de formação e educação) em primeira idade, a idade adulta (momento da independência, de responsabilidade familiar e social) em segunda idade, o novo período que surge em terceira idade (momento da satisfação pessoal); e a velhice nas etapas mais tardias, em quarta idade (idade da dependência, da decrepitude e da proximidade da morte). Verifica-se que as diferentes etapas da vida não são divididas por meio de datas de aniversário ou outros critérios biológicos, mas por meio de atividades e características específicas.

Debert (1999) interpreta o surgimento do termo terceira idade como um processo, o qual ela denomina de “reprivatização da velhice”, tendo em vista que se destaca a responsabilidade individual no modo como cada um envelhece ou se deixa envelhecer. Nesta fase da vida, a pessoa pode vivenciar o envelhecimento como sendo uma fase gratificante, na qual os projetos e ambições pessoais podem ser realizados.

Para Peixoto (1998), a identidade da terceira idade “mascara uma realidade social em que a heterogeneidade econômica e etária é muito grande” (PEIXOTO, 1998, p. 81 *apud* SILVA, 2008, p. 808), haja vista que encobriria uma possível identidade da velhice e, assim, poderia limitar a diversidade de modos de vida própria do processo de envelhecimento.

Araújo e Carvalho (2004) ainda elencam que os termos ‘terceira idade’, ‘melhor idade’, ‘idade de ouro’ fazem parte do núcleo figurativo das representações sociais e são expressas em seus discursos preenchendo as inúmeras perdas que estão associadas à velhice e possibilitando uma “melhor aceitação da mesma”.

1.4 Breves considerações

A velhice sempre foi objeto de construção social (SIMÕES, 1999, p.2), nele estão imbuídos os valores e a cultura de determinada sociedade; haja vista que o que mais se leva em consideração ao se estudar a velhice são as ideias que se faz desta fase da vida. As diversas formas criadas e reinventadas para designar a velhice nada mais são do que representações socialmente construídas, como forma de “mascarar” o preconceito e a rejeição em relação a essa fase da vida (NERI, 2007). Assim como a velhice, a juventude é uma categoria social, uma vez que é uma concepção, representação ou criação simbólica, “*fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens*”, para significar os comportamentos e atitudes a esse grupo atribuídos (GROPPO, 2000, p.7-8).

Verificou-se que o uso de certas nomenclaturas em detrimento de outras está relacionado ao *status social* e a posição ocupada pelo velho na sociedade. Com o passar do tempo, ainda percebe-se essa relação, afinal, pode-se comprovar, segundo Debert (2007), que os termos também são criados como forma de definir os novos mercados de consumo. Logo, a imagem social do velho é construída a partir de um modelo econômico e produtivo.

Reafirma-se, portanto, que as várias terminologias existentes tentam suavizar a estigmatização que os velhos vivem no cotidiano e que a construção acerca da própria velhice é pautada na visão e na forma como as pessoas da sociedade rotulam essa população, havendo uma nítida influência dessa construção na forma como o próprio velho encara o seu processo de envelhecimento.

2 JOVENS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VELHICE

2.1 Breve conceito de geração

Geração, em sentido amplo, representa a posição e atuação do indivíduo em seu grupo de idade e/ou de socialização no tempo (BRITTO DA MOTTA, 2010, p. 226). Britto da Motta (2010) aborda a dificuldade posta pela polissemia do termo geração, em consideração ao próprio percurso acadêmico da obra de Mannheim, que foi, segundo a autora, pouco estudado, esquecido por alguns períodos e tem sido lentamente reintroduzido na literatura nacional e internacional.

Wivian Weller (2010), em seu estudo denominado “A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim”, retoma o *problema do conceito de gerações de Mannheim*¹⁰. Segundo a autora, o conceito trabalhado por Mannheim é um dos mais conhecidos e representa, para muitos pesquisadores, a mais completa explicação do tema, porém, muitas vezes, tem sido citado somente por se tratar de um “clássico” (WELLER, 2010, p.206).

O próprio Mannheim (1952), ao revisar os enfoques teóricos sobre gerações, compara a vertente positivista (pensamento liberal francês), com o pensamento histórico-romântico (alemão), ressaltando que o tema gerações tem sido abordado pelas duas correntes sob ângulos distintos. Os primeiros fizeram sua análise a partir de dados quantitativos, enquanto a corrente histórico-romântica, pela abordagem qualitativa (WELLER, 2010, p. 207).

A corrente positivista tentava compreender as mudanças das correntes espirituais e sociais a partir do determinante biológico da duração da vida de um indivíduo, do fator idade e de suas etapas. Enquanto no pensamento histórico-romântico, o problema geracional se torna um problema de um tempo interior não mensurável e que só pode ser apreendido qualitativamente (WELLER, 2010, p.207-208). Mannheim não esconde sua preferência pela abordagem histórico-romântica alemã.

Mannheim (1952) chama a atenção para o fato de que “*diferentes grupos etários vivenciam tempos interiores diferentes em um mesmo período cronológico*” (MANNHEIM, 1952, P.517 apud PINDER (S/D), p.21 apud WELLER, 2010, p. 209).

¹⁰ Que ainda não foi integralmente traduzido e publicado no Brasil.

A esse respeito, Britto da Motta (2010) destaca que duas questões básicas se impõem, uma vez que um mesmo contexto social não afeta igualmente todos os indivíduos de um grupo de idade e vivência, classificado como geração. Verifica-se que segmentos dessa geração podem assumir posturas diferentes e caminhos sociais distintos ou até opostos. Por outro lado, de acordo com a autora, cada momento histórico se realiza com a presença concomitante de várias gerações, que, mesmo contemporâneas, não têm as mesmas experiências e trajetórias de vida (BRITTO DA MOTTA, 2010, p. 230).

Ao incorporar a formulação de Pinder (S/D) sobre a “*não contemporaneidade do contemporâneo*”, Mannheim afirma que todas as pessoas convivem com pessoas da mesma e de diferentes idades, porém para cada uma, o mesmo tempo é um tempo diferente (MANNHEIM, 1928, p.124 *apud* BRITTO DA MOTTA, 2010, p.230).

Mannheim (1952) ainda aponta cinco aspectos que distinguem uma sociedade marcada por mudanças geracionais, são elas: 1) a constante irrupção de novos portadores de cultura; 2) a saída constante dos antigos portadores de cultura; 3) a limitação temporal da participação de uma conexão geracional no processo histórico; 4) a necessidade de transmissão constante dos bens culturais acumulados; e 5) o caráter contínuo das mudanças geracionais. Esses elementos caracterizam as gerações como processos dinâmicos e interativos (WELLER, 2010, p.211).

Karl Mannheim (1952) subdivide o conceito de gerações em: *posição geracional; conexão geracional e unidade geracional*. A *posição geracional* é definida pela possibilidade ou “potencialidade” de poder vir a adquirir um estoque de experiências comuns acumuladas por um grupo de indivíduos. Já a *conexão geracional* pressupõe um vínculo concreto, ou seja, “*se constitui através da participação dos indivíduos que pertencem a mesma posição geracional, em um destino coletivo comum assim como da partilha de conteúdos que estão relacionados de alguma forma*” (MANNHEIM, 1952, p.547 *apud* WELLER, 2010, p. 214). As *unidades geracionais* desenvolvem perspectivas, reações e posições políticas diferentes em relação a um mesmo problema dado. Portanto, a unidade geracional constitui uma adesão mais concreta em relação à estabelecida pela conexão geracional distinta. Todavia, a forma como grupos de uma mesma conexão geracional lidam com os fatos históricos vividos por sua geração, fará surgir diferentes unidades geracionais no âmbito da mesma conexão geracional (WELLER, 2010, p.215).

Weller (2010) chama a atenção para o recorte feito por alguns cientistas sociais que se apropriam apenas de parte do artigo e destaca que essa divisão conceitual feita por Mannheim só faz sentido se analisada em seu conjunto. Verifica-se que o autor compreende as gerações a partir de suas relações com o meio social, os sexos, a faixa etária, dentre outros (BOHNSACK & SCHAFFER, 2002, p.250-253 *apud* WELLER, 2010, p.218).

Britto da Motta e Weller (2010) destacam, segundo Corsten (2010, p.134), que o termo geração passou a ser utilizado, como sinônimo, para denominar uma faixa etária de um grupo com características específicas. Dessa forma, Britto da Motta (2010) informa que os usos do par conceitual idade/geração, no âmbito da análise científica, podem ser sintetizados de acordo com três perspectivas, quais sejam: *coortes*, *grupos etários* e *gerações*.

Coorte (referência estatística ou demográfica) designa “*um conjunto de indivíduos nascidos em um mesmo intervalo de tempo, expostos a determinados eventos de caráter demográfico*” (BRITTO DA MOTTA, 2010, p.228). Em *termos de idade*, o conceito de geração tem uma função classificatória que inclui tanto as posições na família, como na própria organização social mais ampla. Já *geração* propriamente dita refere-se a um coletivo de indivíduos que vivem em determinada época do tempo social, têm aproximadamente a mesma idade e compartilham alguma forma de experiência ou vivência, ou tem a potencialidade para tal (BRITTO DA MOTTA, 2010, p. 229).

Mannheim (1928 *apud* BRITTO DA MOTTA, 2010), de acordo com a autora supracitada, define o conceito de geração sempre acentuando seu sentido histórico, como se pode comprovar:

[...] indivíduos que pertencem à mesma geração [...] estão interligados [...] a uma posição comum na dimensão histórica do processo social, [o que significaria uma predisposição para] um certo modo característico do pensamento e experiência e um tipo característico de ação historicamente relevante. (MANNHEIM, 1928, p. 135-136 *apud* BRITTO DA MOTTA, 2010, p. 230).

Portanto, o sentido básico da concepção de Mannheim, enfatiza a autora supracitada, não desvincula geração e grupo de idade, ou seja, “*o fenômeno social*

geração nada mais representa do que um tipo particular de identidade de situação de grupos de idade mergulhados num processo histórico social” (MANNHEIM, 1928, p. 137 apud BRITTO DA MOTTA, 2010, p. 230).

Britto da Motta (2010), por sua vez, define gerações como um coletivo de indivíduos que vivem em determinada época ou tempo social, têm aproximadamente a mesma idade e compartilham alguma forma de experiência ou vivência. A autora ainda destaca que no interior de cada grupo geracional ou de idade, constroem-se representações identitárias e situações sociais que se confrontam com as de outros grupos ou categorias sociais.

Siqueira (2011), assim como Britto da Motta (2010) aborda que, em termos sociológicos, pertencer a uma geração é possuir uma correspondência de ideias, influências, saberes, filiações identitárias e valores.

Sendo assim, as gerações, como as classes sociais, não existem isoladamente, mas em referência mútua, contraposição ou até oposição umas às outras. Logo, uma geração *“é ou se torna aquilo que o jogo de poder permite nas relações com os outros”* (BRITTO DA MOTTA, 2004, p. 353).

2.2 Relações intergeracionais: o jovem e o velho

O termo intergeracionalidade é utilizado para se referir às relações entre pessoas de gerações distintas. Cabe destacar, de acordo com Debert (1998), que o termo não se restringe somente ao contexto familiar, mas também deve ser utilizado para fazer referência ao *campo social da vida dos indivíduos*.

Devido ao envelhecimento mundial, as relações intergeracionais tem sido tornado mais frequentes, possibilitando, assim, uma transmissão de conhecimentos entre as várias gerações. No estudo em questão, será dado destaque à relação entre jovens e velhos, sobretudo no que tange ao processo de construção da imagem do último a partir do primeiro.

As relações intergeracionais nos remetem à ideia de troca, seja de conhecimento, informações, afeto, de experiências, dentre outras. Essas dinamizam e fortalecem os relacionamentos sociais, afetivos e profissionais (ARAÚJO, 2010).

Britto da Motta (2004) destaca que na sociedade longeva, em processo de construção, chegam a coexistir de quatro até cinco gerações na mesma família. Nesse contexto, é preciso lembrar que “*as gerações não se substituem, se sucedem*” (ATTIAS-DONFUT, 1993 *apud* BRITTO DA MOTTA, 2004, p. 351).

A esse respeito, Mannheim, ao abordar *a necessidade de transmissão constante dos bens culturais acumulados*, destaca o papel e o desafio das gerações mais velhas em relação às mais novas e afirma que “*as gerações estão em constante interação*” (MANNHEIM, 1952, p. 540 *apud* WELLER, 2010, p.213). O autor supracitado se opõe à ideia de uma suposta dicotomia existente entre as velhas e as novas gerações e destaca o caráter contínuo das mudanças geracionais, bem como o papel ocupado pelas “*gerações intermediárias*” nesse processo, uma vez que essas são as que “*primeiramente exercem influência uma sobre a outra*” (MANNHEIM, 1952, p. 540 *apud* WELLER, 2010, p. 213).

Segundo Mead (2002 *apud* ALVES, 2009), as relações entre as gerações constituem o mecanismo básico de transmissão de saberes, costumes e práticas entre os indivíduos. Cabe destacar, ainda de acordo com a autora supracitada, que cada nova geração recria modelos de comportamento, considerados apropriados para cada etapa da vida, conforme exposto: “*precisamos nos convencer de que nenhuma geração experimentará o que nós experimentamos*” (MEAD, 2002 *apud* ALVES, 2009, p.137).

No contexto atual, faz-se necessário destacar que o aumento da expectativa de vida pode ocasionar também um distanciamento entre as gerações. Sobre esse aspecto, Maltempo (2006) faz menção a separação por faixa etária (criança, adolescente, adulto e idoso), além da separação de locais de ocupação por cada faixa etária, a saber: creche, escola, local de trabalho, asilo.

O autor acima ainda aborda que na relação entre jovens e velhos é notória, sobretudo nas classes médias e nas chamadas elites, uma visão distorcida e preconceituosa em relação aos idosos, uma vez que a sociedade da nossa época valoriza a inovação e subestima o antigo, relegando aos velhos um papel bastante secundário.

O fato é que, apesar dos preconceitos e diferenças, é preciso reconhecer a importância de cada geração no campo social. Desse modo, nem uma nem outra teria maior ou menor valor, visto que os idosos trazem consigo conhecimentos e saberes advindos das experiências adquiridas ao longo da vida, além disso, representam ligação com o processo histórico de sua geração (familiar ou não). Os jovens, por sua vez,

vivenciam a era da tecnologia, na qual os modos e costumes mudam muito rápido, sendo importantes para a atualização do idoso e também para aprender e trocar conhecimentos com os velhos. (ARAUJO, 2010). Na verdade, a troca entre ambas as gerações é de suma importância no âmbito das manifestações culturais, políticas ou de desenvolvimentos tecnológicos, respeitadas as diferenças e contribuição de cada geração.

No entanto, sabe-se que as relações intergeracionais poderão trazer barreiras e impasses, oriundas das diferenças e/ou semelhanças entre as gerações, isto é, os denominados conflitos intergeracionais. Os conflitos geracionais podem ser motivados pela condição de diferenças entre os padrões sociais e culturais de cada geração, especialmente devido às rápidas transformações que ocorrem na sociedade. Caldas e Thomaz (2010, p.82) afirmam que, apesar dos jovens terem contato com os velhos, as relações entre ambos podem ser marcadas pela intolerância, ao que chamam de *chatices do velho* e também pela dificuldade de se relacionar com o diferente.

Portanto, pensar nas relações entre jovens e velhos, ou seja, nas relações intergeracionais, é considerar o processo de troca entre ambos, uma vez que levam não somente a troca de conhecimentos, experiências, informações, mas também nos permite pensar a troca como uma relação de partilha, em que ambas as partes são beneficiadas, através do conhecimento mútuo.

2.3 Representação Social da velhice na mídia impressa e falada

O tema envelhecimento ganhou destaque no cenário contemporâneo, sobretudo devido ao aumento significativo da população envelhecida. Em decorrência disso, o fenômeno despertou a atenção da mídia, uma vez que os velhos passaram a ser um potencial para o mercado consumidor (DEBERT, 1996). Com isso, a mídia, impressa e falada, passou a dispor de uma nova constituição de representação da imagem do velho. Debert (2002) elenca que a imagem dos velhos na mídia é representada, sobretudo pela capacidade de consumo dos idosos.

Pesquisas realizadas nos Estados Unidos, de acordo com Bezerra (2006), demonstram uma imagem negativa dos idosos. A autora faz um recorte histórico acerca

da apresentação do velho na mídia nos Estados Unidos e demonstra que até a década de 30, a presença do velho nos comerciais de televisão, ligava-se a produtos farmacêuticos ou de prevenção a doenças; na década de 50, o velho, junto com a família, era retratado em anúncios de cosméticos, de alimentação, mas sempre exercia papéis secundários. Na década de 90, essa imagem foi sendo substituída por outras e os velhos passaram a ser representados como pessoas ativas e emancipadas.

No Brasil, a realidade não se diferencia muito da realidade norte-americana. Debert (2002) aponta que a literatura, que trata do idoso na mídia, começou a se modificar depois dos anos 70. Até essa data, as imagens eram, em sua maioria, negativas e desrespeitosas. A partir dos anos 80, o velho passou a ser representado de forma mais positiva, sendo simbolizado através do poder, riqueza e prestígio social. Portanto, a mídia brasileira representa *imagens antagônicas* dos velhos, ora demonstra situação de dependência e passividade, ora de poder.

É importante verificar a representação do velho na mídia, porque esta é uma ferramenta essencial de veiculação de informações, que se faz presente no cotidiano das pessoas, exercendo influências nas opiniões, valores e no comportamento delas. É, pois, um importante instrumento de construção de imagens.

Na mídia, o velho é estimulado a adquirir novos hábitos para manter o corpo saudável e um espírito jovem, com participação social e valores modernos (BEZERRA, 2006, p.3). Logo, os meios de comunicação veiculam um estereótipo do velho ativo e com espírito de jovem, atendendo mais a lógica do mercado consumista do que uma socialização do velho e sua qualidade de vida. Leão, Sarmiento e Loureiro (2006) afirmam que, com a promessa da eterna juventude, a mídia cria um novo ator para o mercado de consumo, em que, por meio de mudança no vestuário, novas opções de lazer, de se relacionar com o corpo, com a família e com os amigos, o colocam *pari passu* com a modernidade.

Martins (2002) aborda que, inserido no contexto da sociedade capitalista, o idoso se encontra com uma posição social afetada, uma vez que, com o avanço do modo de produção capitalista, que prioriza a produção e o consumo, o idoso é destinado ao isolamento e a anulação social, que, por causa da aposentadoria, deixa de vender sua força de trabalho e, conseqüentemente, deixa de produzir. Porém, essa imagem vem se modificando porque, ao contrário do que muitas pessoas pensam, a pessoa idosa, segundo Moreira (2008), é economicamente ativa, sendo muitos velhos ainda chefes de

família, e buscam não somente a extensão da vida, mas vivê-la com mais qualidade. Por isso, os velhos buscam o consumo de diversos produtos como toda pessoa, independente de sua faixa etária.

Na mídia, de acordo com Leão, Sarmiento e Loureiro (2006), há um jogo de imagens contraditórias que se apresentam em relação aos idosos, uma vez que, ao mesmo tempo em que são apresentados em situações de precariedade, na forma de sujeitos pobres, doentes, carentes, desrespeitados pela sociedade, abandonados, dentre outras, também o são apresentados como sujeitos maduros e bem cuidados, de bem com a vida e bem vestidos, joviais e em condições de realizar os projetos que no passado foram postergados. Os autores abordam que, ao apresentar o idoso de maneira positiva, os meios de comunicação assim o fazem quando existe um interesse, direto ou subliminar, em se passar uma imagem valorativa ao consumo, com a intenção de despertar o desejo dos idosos em consumir e buscar uma vida parecida à divulgada.

2.3.1 O velho na televisão

No Brasil, a televisão pode ser considerada como um dos mais importantes aparelhos eletrodomésticos, estando mais presente nos domicílios do que a geladeira (DEBERT, 2003). De acordo com dados do IBGE, referentes ao ano de 2010¹¹, 96% da população tem acesso à televisão.

Além disso, a televisão é um importante canal de veiculação de informação. A imagem do velho nela pode aparecer ora idealizada, ora distorcida da realidade, o que pode contribuir também para aprofundar o isolamento social desse segmento populacional. É sabido que através deste meio de comunicação, pode-se transmitir também uma série de opiniões, estereótipos, preconceitos e mitos em relação ao velho e ao processo de envelhecimento (DEBERT, 2003).

¹¹ Síntese dos Indicadores Sociais; uma análise das condições de vida da população brasileira 2010. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Rio de Janeiro: 2010. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicis2010/SIS_2010.pdf, acesso em 07 de maio de 2012.

2.3.1.1 Nas novelas

Nas novelas, os velhos, via de regra, são retratados como pessoas dependentes, com o uso de acessórios como bengala, apresentando problemas de saúde, dentre outras características. Com o tempo, esse perfil foi sendo modificado, havendo uma maior tendência de fazer com que as atitudes e valores dos mais jovens sejam representadas pelos velhos (CHEFER e GERALDES, 2011)

Andrade (S/D), em seu estudo, destaca o Estatuto do Idoso como evento midiático e a expectativa em torno dessa regulamentação apareceu reforçada por um contexto social no qual a mídia deu grande visibilidade a questão da velhice e da cidadania, seja por meio dos jornais ou pela telenovela “Mulheres Apaixonadas”, exibida no ano de 2003. Na referida novela, havia a representação de um casal de velhos aposentados que ajudavam o filho no sustento da casa e da família, mas eram frequentemente maltratados pela neta, que só os enxergava como um peso. O problema só se resolveu no final, quando o casal de velhos mudou-se para o Retiro dos Artistas, no qual tiveram uma vida mais tranquila.

O Estatuto do Idoso foi um importante marco para a população idosa. Essa novela, então, procurou expor os principais direitos dos idosos, exibindo, inclusive a votação e aprovação do referido documento. Ao acabar a novela e, quando o Estatuto entrou em vigor, este deixou de ser novidade e o assunto não foi mais tão discutido na mídia.

Na telenovela “Passione”, foi possível observar um relevante número de atores com faixa etária igual ou superior aos sessenta anos, representando papéis de destaque. Dois temas significantes foram abordados nesta novela: a afetividade e a sexualidade na terceira idade. Ou seja, idosos relacionaram-se sexualmente (inclusive chama-se atenção para a questão da traição nesta faixa etária) e tiveram a possibilidade de se relacionarem amorosamente com os seus parceiros; demonstrou-se, inclusive, a separação de um casal e idosos e o ingresso deles num novo relacionamento.

Na novela em questão ainda destacou o idoso que continua inserido no mercado de trabalho, com profissões como: motorista, empresários, feirante, jardineiro, dentre outras. Ainda foram exibidas cenas que elucidavam os sinais iniciais de demência de um velho e como implicava na família. Mostrou-se também aspectos negativos que fazem

parte da realidade de alguns idosos como: violência contra o idoso; uma idosa que desde a juventude cometeu problemas como pedofilia e exploração sexual das netas e continua sendo agente de violência mesmo na velhice, cabe destacar que é um problema patológico dessa velha.

Portanto, verifica-se que as novelas brasileiras, a exemplo destas duas citadas, tem procurado discutir problemas da realidade dos velhos, como: direitos dos velhos (Estatuto do Idoso), violência, sexualidade, dentre outros.

2.3.1.2 Na propaganda

A publicidade brasileira despertou a atenção para o velho e passou a usar a imagem deste em suas propagandas, a partir do século XXI. Neste tipo de comunicação, os velhos, via de regra, têm sido associados a outro conjunto de significados, que remetem à valorização de práticas *inovadoras e subversivas* de valores, principalmente no que se refere à vida familiar, à sexualidade e ao uso de novas tecnologias (DEBERT, 2002, p.2).

A propaganda, de acordo com Prado e Aragão (2009), é um instrumento da comunicação mercadológica que objetiva informar ao consumidor os atributos de um produto, marca ou serviço específico e colocá-los à aquisição. Sua estratégia fundamental é despertar o consumo e tornar conhecido um produto ou serviço.

Ao pesquisar sobre a simbologia dos anúncios publicitários, Vasconcelos (2001 *apud* ANDRADE, S/D, p.4) constatou que no início das décadas do século XX, o Brasil tratava a questão da velhice com indiferença. Quanto à aparição dos idosos em anúncios, nas décadas de 20 e 30 verificou-se que estes apareciam em anúncios relacionados a produtos farmacêuticos. Nos anos 50 e 70, a imagem dos velhos começa a mudar e então eles passaram a ser representados no seio de suas famílias, em propagandas de cosméticos, higiene pessoal, roupas e alimentos, porém, exerciam papel de figurantes. Já nas décadas de 80 e 90, os idosos passaram a participar de anúncios relacionados a outros valores como cidadania e participação social, segurança e autoestima, representados como “velhos jovens”.

Soares (2007), em seu estudo, aborda como a mídia constrói a identidade do idoso nas campanhas na atualidade. A autora elenca que a publicidade, através das palavras, imagens e efeitos, visam atrair a atenção dos idosos para determinados produtos, marcas ou serviços, previamente marcados para serem consumidos sem questionamentos e transformá-los em ação de aquisição. Ela destaca que:

Se, no mundo contemporâneo somos o que consumimos, podemos dizer que, ao consumir mensagens publicitárias inevitavelmente presentes no lar, trabalho, lazer, em diversos meios de comunicação e de diferentes naturezas de linguagem, estamos nos significando como sujeitos no e do mundo. (SOARES, 2007, p.2)

Em sua pesquisa, Soares (2007, p.10) verificou que quando se trata de velhice, nota-se a presença da juventude, não evidente, silenciosamente, não dita. Na propaganda do Bradesco Seguros, com o produto da Previdência Privada, do Banco Bradesco, analisada pela autora, são exibidas cenas na qual um senhor aparece entre pessoas mais jovens, realizando atividades como a de jogar bola, estar num parque de diversões, deslocar-se independentemente para a praia e o fundo musical era um som jovial e dinâmico. Aqui, é enfatizada a vitalidade e o desfrute da vida, além da realização pessoal do velho.

Desta forma, o personagem velho parece competir com os papéis e posições que até então eram desempenhados somente pelos jovens, como a prática de diversão, lazer e entretenimento, que eram almejados na juventude, mas que não podiam ser realizados, uma vez que grande parte do tempo era dedicado à atividade profissional e à família. A autora supracitada ainda complementa que:

enquanto às pessoas mais novas resta vitalidade e falta de tempo para usufruto; aos mais velhos a harmonia parece se instaurar com tempo à disposição e energia da juventude, contrariando a anterior percepção de perdas das capacidades físicas ou desajustes emocionais como a dificuldade de sociabilidade (SOARES, 2007, p. 11).

Essa apresentação é possível, uma vez que se fala para um público que tem a perspectiva de viver mais. Sendo assim, o comportamento do idoso deve ser o mais próximo de uma pessoa com menos idade, porque ele estaria realizando os desejos do jovem, sem as obrigações que lhes são conferidas na idade adulta. Portanto, o velho que é demonstrado na propaganda é uma projeção que o jovem de hoje deseja ser ao ter sessenta anos ou mais (SOARES, 2007).

Debert (2002) demonstra que para os publicitários, o uso dos velhos nas propagandas e o sucesso dessas, está no choque que essas imagens provocam, invertendo o que acontece na realidade. A autora destaca que as imagens da velhice na propaganda brasileira são ativas na produção do que ela denomina de *reprivatização da velhice*, transformando a velhice em uma responsabilidade individual, na qual os indivíduos foram incapazes de se envolver em atividades motivadoras, deixando de adotar formas de consumo e estilos de vida capazes de evitar a velhice e os problemas decorrentes dela (DEBERT, 2002, p.137).

2.3.2 O velho nas revistas impressas

Os velhos, nas revistas, são representados como indivíduos independentes (da família), ativos e capazes de ter novas atividades nessa etapa da vida. Debert (1996, p.13) elenca que, neste meio de comunicação, a velhice não é somente o momento em que se atinge o auge da satisfação, do prazer, sobretudo é o “*momento em que a mulher, liberada dos papéis sociais próprios das fases anteriores da vida, pode enfim se dedicar a realização pessoal*”.

As revistas criam, portanto, um novo ator, a fim de definir um novo mercado de consumo, com a promessa da *eterna juventude*. Elas atraem o leitor para uma “batalha” contra o avanço da idade, explicitando formas de evitar ou retardar o envelhecimento.

Chefer e Geraldles (2011), em seu estudo, analisaram matérias publicadas nas revistas *Veja*, *Isto É* e *Época*, em 2003, ano em que o Estatuto do Idoso foi aprovado. As autoras buscaram compreender como esse importante acontecimento repercutiu na mídia brasileira. Dentre os temas discutidos pelas reportagens, destaca-se que algumas apresentavam aos leitores uma forma saudável e ativa para se chegar à velhice, ou seja,

manter-se jovem e afastar as atitudes que levariam ao envelhecimento; outras expressavam a negação do processo de envelhecimento. Percebeu-se também que as reportagens eram destinadas às classes A e B, com condições de consumir, excluindo do discurso os idosos mais pobres.

Nas revistas em análise, não há lugar para imagens de decadência física, de doença ou dependência. Nos discursos trabalhados, o velho não é *relegado ao desprezo, abandono ou desdém* (DEBERT, 1996).

Portanto, as revistas propagam a imagem do velho ativo, saudável, buscando ser jovem sempre. Apesar do indivíduo ser velho (cronologicamente), são estimulados socialmente a não se sentir como tal. Na verdade, há um eufemização desta fase da vida, como algo extremamente positivo.

2.3.3 O velho no jornal

Os jornais exibem reportagens que trazem imagens dos velhos abandonados em asilos, em situação total de dependência; ou velhos ativos, participantes e dispostos, que desenvolvem atividades lúdicas e criativas (DEBERT, 2002). Divulgam também alguns problemas de saúde que acometem os idosos, além de abordar acerca das aposentadorias e como isso influencia na economia do país.

Andrade (S/D), no estudo que realizou no Jornal do Estado de Minas, criou três categorias sobre as notícias divulgadas sobre ou ligadas aos velhos, de acordo com os critérios de noticiabilidade, são elas: *idoso e cidadania*, *idoso e violência*, *idoso e vida social*.

Na categoria *idoso e cidadania*, são enquadradas as reportagens que mostram o idoso como cidadão consciente e participativo das questões sociais que o cercam. Quanto à categoria *idoso e violência*, são trabalhadas as violências cometidas contra os idosos nos diferentes âmbitos sociais e das mais diferentes formas. Na última categoria, *idoso e vida social*, tem-se se uma imagem do idoso inserido ou não na vida social, abordando o isolamento ou socialização desse grupo etário e ainda questões relacionadas às percepções sociais sobre a velhice, tais como: saúde, lazer, vida afetiva (ANDRADE, S/D).

2.3.4 Considerações da imagem do velho na mídia

Sabe-se que a mídia é um meio de veiculação de suma importância, uma vez que tem amplo alcance, em curto espaço e tempo. Dentre as principais funções desta, destacam-se: informar, ensinar e entreter as pessoas. Através dela, são transmitidos valores, culturas e normas para as distintas gerações, as quais podem ser internalizadas e utilizadas no convívio social (DEBERT, 2003).

Pôde-se perceber que a imagem do velho, veiculada na mídia, não condiz com a realidade de todos os velhos brasileiros, haja vista que cada indivíduo envelhece de uma forma diferenciada. Em suma, pode-se afirmar que a imagem propagada, em sua maioria, é de um velho ativo, com espírito jovem, atendendo a lógica do mercado (consumidor) e não a lógica do velho detentor de direitos, ou mesmo o velho com seus desafios e experiências.

Cabe destacar que estes estereótipos, veiculados na mídia, trazem implicações para o processo de socialização dos velhos, uma vez que a mídia, seja através das novelas, propagandas, reportagens em jornais, de acordo com Soares (2007, p. 13) apresenta identidades servindo para pensar na construção de categorias sociais.

Enfim, as imagens veiculadas na mídia são antagônicas, uma vez que, a depender do meio de comunicação, ora perdura uma imagem negativa, ao serem elencados assuntos relacionados à velhice como: dependência, violência, decadência do velho; ora são abordados aspectos mais positivos, mostrando o que Debert (2002) denomina de *reprivatização da velhice*, ou seja, a possibilidade do velho realizar o que não pôde fazer antes, a saber: viajar, praticar esportes, no qual os velhos são potenciais consumidores.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 Aspectos metodológicos

Embora seja evidente o aumento significativo do número de idosos no Brasil – de acordo com o Censo Demográfico 2010, o país tinha 14 milhões de pessoas com mais de 65 anos - ainda se faz necessário conhecer um pouco mais sobre esse segmento populacional, principalmente no que se refere à imagem do velho. O estudo em foco objetiva analisar as representações sociais sobre a velhice e as imagens do velho a partir da compreensão dos jovens do ensino médio dos colégios Estadual Edvaldo Brandão Correia e Colégio Simonton na cidade da Cachoeira - BA.

Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, fruto de leituras e fichamentos, a fim de propiciar um aprofundamento teórico, com base na literatura existente que versa sobre a temática. Gil (1999) aponta que a pesquisa bibliográfica possibilita um alcance amplo de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em várias publicações, ajudando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto.

Além disso, foi feita uma pesquisa de campo. Através do trabalho de campo, o pesquisador pode se aproximar da realidade pesquisada e, assim, estabelecer uma interação com os sujeitos da pesquisa. Compreende-se, desta forma, campo, “*como o recorte espacial que diz respeito à abrangência correspondente ao objeto estudado*” (MINAYO, 2005, p.61-62).

A priori, pela natureza do objeto de estudo, optou-se pela metodologia qualitativa, com a elaboração de uma redação dissertativa acerca da velhice em geral. Ao todo foram aplicadas vinte e cinco redações. Mas diante da dificuldade dos estudantes em escreverem livremente sobre a temática, elaborou-se um questionário semiestruturado, com perguntas abertas e fechadas, com base nos textos elaborados pelos sujeitos da pesquisa quando da aplicação da redação. Esses textos foram analisados, de modo a se extrair as variáveis mais recorrentes relacionadas à imagem da velhice. O pré-teste do questionário foi aplicado com outros jovens, que não fazem parte das escolas em estudo. Diante disso, a pesquisa possui um caráter qualitativo e quantitativo.

Ressalte-se que uma pesquisa de cunho quantitativo “*consiste em investigações de pesquisa empírica cuja principal finalidade é o delineamento ou análise de características de fatos ou fenômenos, a avaliação de programas, ou o isolamento de variáveis principais ou chave*” (MARCONI e LAKATOS, 2007, p.84-85).

Os procedimentos quantitativos foram utilizados com o objetivo de assegurar uma coleta mais sistemática e objetiva acerca das percepções da velhice pelos jovens do Colégio Simonton e Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia. A pesquisa foi aplicada com todo o universo da população pesquisada, isto é, todos os estudantes do ensino médio dos dois colégios referenciados. Acerca disso, Gil (2007) esclarece que quando o universo de investigação é geograficamente concentrado e pouco numeroso, convém que sejam pesquisados todos os elementos. Isso é importante, pois pode garantir a conscientização e a mobilização da população- em torno da proposta de ação envolvida pela pesquisa (GIL, 2007, p. 145).

Ao todo, foram aplicados 143 questionários. No Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia, foram aplicados 60 questionários com os estudantes frequentantes dos turnos matutino e vespertino. Cabe destacar que devido à greve dos professores da rede estadual na Bahia, o número de estudantes foi reduzido, havendo uma grande evasão escolar, de acordo com informações da direção. Desse modo, o número total aplicado na escola pública corresponde ao número total de estudantes frequentantes após a greve. Ademais a pesquisa não foi realizada no turno noturno, devido à faixa etária dos alunos estar mais relacionada à idade adulta.

Quanto ao Colégio Simonton, neste foram aplicados 83 questionários, com os alunos do turno matutino, porque no colégio em questão só funciona nesse turno. É válido frisar que o total de alunos matriculados no ensino médio é de 88 alunos, sendo que cinco desses não estavam no dia de aplicação.

Ainda é preciso salientar que o universo pesquisado foram estudantes de uma escola particular de Cachoeira – o Simonton. Na cidade da Cachoeira, há outros colégios particulares, mas somente o IAENE (Instituto Adventista de Ensino do Nordeste) oferece o ensino médio e como esta instituição de ensino está vinculada à religião adventista, optou-se por aplicar em um colégio com origem laica, sem vinculação a religião alguma, uma vez que isso poderia influenciar numa representação mais ou menos positiva e/ ou negativa da velhice; e as outras escolas particulares só oferecem ensino fundamental I e II.

Quanto à escolha do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia, destaca-se que na cidade há duas escolas estaduais: a pesquisada e o Colégio Estadual da Cachoeira. Em princípio a pesquisa seria feita no Colégio Estadual da Cachoeira, mas, devido à greve dos professores¹², ocorrida no início do ano, e diante do receio em não se disponibilizar de tempo suficiente para aplicar a pesquisa, o Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia retomou as aulas primeiro, por isso, mudou-se o local da pesquisa para essa instituição.

Jovens, de acordo com o Ministério da Saúde do Brasil, são pessoas de faixa etária de 10 a 24 anos. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), os limites cronológicos da adolescência são entre 10 e 19 anos e pela Organização das Nações Unidas (ONU) entre 15 e 24 anos, critério este usado principalmente para fins estatísticos e políticos. Usa-se também o termo “jovens adultos” para englobar a faixa etária de 20 a 24 anos de idade. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069, de 1990, considera criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos e define a adolescência como a faixa etária de 12 a 18 anos de idade (artigo 2º), e, em casos excepcionais e quando disposto na lei, o estatuto é aplicável até os 21 anos de idade (artigo 2º, parágrafo único) (EISENSTEIN, 2005, p.1).

Diante do exposto, no estudo em questão, estabeleceu-se um recorte, de acordo com as idades que apareceram entre as respostas dos entrevistados, qual seja 14-21 anos, o que corresponde à idade abrangida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.

Como instrumento de pesquisa, optou-se pelo uso do questionário, além da redação. De acordo com Gil (2007, p. 128), o questionário é uma técnica de investigação composta por um número mais ou menos de questões, por escrito, que objetiva conhecer as opiniões, os sentimentos e as crenças das pessoas. O questionário semiestruturado, previamente elaborado, *“combina perguntas fechadas (ou estruturadas) e abertas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador”* (MINAYO, 2004, p. 108). Quanto às vantagens desse instrumento, destacam-se as seguintes: possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa; garante o anonimato das respostas; não expõem os pesquisadores à

¹² A greve dos professores da rede estadual teve início em 11 de abril de 2012 e terminou em 03 de agosto de 2012.

influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado, dentre outras. No que se refere às desvantagens, podemos elencar:

a) não oferece a garantia de que a maioria das pessoas devolvam-no devidamente preenchido, o que pode significar uma diminuição da representatividade da amostra; b) impede o auxílio ao informante quando este não entende corretamente as instruções ou perguntas; c) proporciona resultados bastante críticos em relação à objetividade, pois os itens podem ter significado diferente para cada sujeito pesquisado etc. (GIL, 2007, p. 129)

Durante a aplicação da pesquisa de campo, o questionário foi entregue aos estudantes em suas salas de aula, nos respectivos colégios, para que respondessem ao instrumental de coleta de dados. No cabeçalho do questionário (vide APÊNDICE I) há um parágrafo explicando os objetivos e a natureza da pesquisa.

Para a análise dos dados coletados, utilizou-se de técnicas quantitativas, com o auxílio do programa SPSS Statistics, sendo posteriormente, feita a análise propriamente dita das respostas. Nesse sentido, foi feita uma análise qualitativa dos dados, uma vez que a análise qualitativa compreende “(..) *uma sequência de atividades, que envolve redução dos dados, a categorização desses, sua interpretação e a redação do relatório*”. (GIL, 2007, p.133).

Portanto, durante o processo de análise dos dados, trabalhou-se com categorizações, as quais consistem na organização dos dados de forma que o pesquisador consiga tomar decisões e tirar conclusões a partir deles. Cabe destacar que nem sempre essas categorias podem ser definidas de imediato, uma vez que para se chegar a elas é preciso ler e reler o material “*em seus elementos componentes, sem perder de vista sua relação com os demais componentes*” (GIL, 2007, p.134).

No que se refere à representação dos dados, estes podem ser representados por gráficos, que, segundo Marconi e Lakatos (2007, p. 38) são “*figuras que servem para representação dos dados*” e podem evidenciar aspectos visuais dos mesmos, de forma clara e de fácil compreensão.

3.2 Coleta de dados

A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia e no Colégio Simonton, junto aos estudantes do ensino médio, dos turnos matutino e vespertino no Colégio Edvaldo Brandão Correia. Cabe lembrar que não se aplicou a pesquisa com os alunos do turno noturno devido à faixa etária dos mesmos, pois normalmente as pessoas que estudam à noite tem idade maior do que 21 anos. Conforme ressaltado antes, a pesquisa na instituição particular de ensino, onde ocorreu a pesquisa foi o Colégio Simonton no turno matutino. Escolheu-se por aplicar a pesquisa junto aos jovens no ensino médio, por considerar que é importante conhecer a compreensão deles no que tange ao processo de envelhecimento, como algo inerente ou não à sua própria realidade, visando identificar as imagens e as identidades sociais que o jovem atribui à velhice.

Foi realizado um pré-teste para validar o instrumento da pesquisa¹³, com o intuito de verificar falhas, inconsistência ou complexidade das questões, ambiguidades, dentre outros. Diante da dificuldade dos estudantes em escreverem de forma livre sobre a velhice, foi necessário dar outro redimensionamento à pesquisa. Para tanto, foram utilizadas as “redações-telegramas” dos estudantes na construção de um questionário com perguntas abertas e fechadas.

A aplicação dos questionários foi realizada em dois dias da semana, do mês de junho de 2012 (no Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia) e em dois dias do mês de julho no Colégio Simonton. Participaram da pesquisa 143 alunos, sendo desses 55,94% do sexo feminino e 44,06% do sexo masculino, com idade entre 14- 21 anos.

¹³O primeiro instrumento foi a elaboração de uma redação acerca do que é ser velho, aplicada com estudantes do ensino médio do Colégio Estadual da Cachoeira no mês de março de 2012. Ao todo 25 estudantes participaram da pesquisa.

3.2.1 Breve caracterização do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia

O Colégio Estadual Edvaldo Brandão fica situado num bairro mais afastado do centro da cidade. Na unidade escolar são oferecidos Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e Ensino Médio. Estão matriculados na escola 633 alunos, nos turnos matutino, vespertino e noturno¹⁴. Cabe destacar que devido a greve dos professores da rede estadual (que teve início em 11 de abril de 2012 e terminou em 03 de agosto de 2012), houve uma grande evasão escolar nesta unidade de ensino¹⁵. Este colégio retomou suas atividades antes do final da greve, isto é, no mês de junho, mesmo assim o número de alunos foi bastante reduzido.

Quanto aos aspectos de infraestrutura, o prédio do Colégio Estadual está em bom estado de conservação, relativamente novo, com apenas 33 anos de funcionamento, tendo sido pintado no ano corrente. Conta com onze salas de aula, tendo dez em funcionamento. As salas são arejadas, iluminadas, com carteiras conservadas, quadro de piloto, dois ventiladores, com janelas, pintadas e TV *pen-drive*. Por outro lado, a escola não possui sala de vídeo e não conta com biblioteca.

Pode-se afirmar que a escola é relativamente equipada para dar condições à realização das atividades, conta com aparelhos de televisão (TV pen drive) em todas as salas de aula, dois aparelhos de DVD, um retroprojeter, um projetor de *slides*, um aparelho de som, uma máquina fotográfica digital, sala de informática com dez computadores, porém esta não é utilizada devido a falta de funcionário capacitado para tal. Conta ainda com uma cozinha, cinco sanitários, pátio amplo. Além disso, há quadra poliesportiva, semicoberta, que não é utilizada.

O quadro de pessoal é composto por vinte e dois professores efetivos (concurados do Estado), dos quais vinte são graduados e dois são formados pelo antigo magistério. Saliente-se que desses professores, 10 possuem especialização. Além disso, há um professor contratado pelo REDA (Regime Especial de Direito Administrativo),

¹⁴ Todas as informações prestadas acerca do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia foram fornecidas pela direção e vice-direção.

¹⁵ Tendo em vista que este colégio retomou suas atividades antes do final da greve, no mês de junho, o número de alunos estava reduzido, ainda mais que foi o primeiro colégio da rede estadual que retomou as aulas na cidade de Cachoeira.

nove estagiários do IEL (Instituto Euvaldo Lodi – Programa de Estágio), uma coordenadora pedagógica, uma secretária, uma diretora e duas vice-diretoras.

3.2.2 Breve caracterização do Colégio Simonton

O Colégio Simonton fica situado no centro da cidade. Na unidade escolar são oferecidos Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e Ensino Médio. Estão matriculados no ensino médio oitenta e oito alunos. O colégio funciona apenas no turno matutino¹⁶.

O prédio é antigo, mas passou por reformas recentemente. Conta com sete salas de aula. As salas do andar de cima têm janela e ventilador e são maiores. Já as salas de do andar inferior são menores, não possuem janelas e têm ar-condicionado. As cadeiras estão conservadas, sendo as salas do térreo novas. Todas as salas têm quadro branco de piloto. Há no Colégio: 1 cantina, 4 sanitários, pátio amplo; e uma pequena quadra poliesportiva. Os corredores são amplos e área arejada. Além disso, possui uma piscina, para as aulas de natação. No mais, está sendo estruturada uma sala de música e de vídeo.

A escola é relativamente equipada para dar condições à realização das atividades, conta com dois aparelhos de televisão, dois aparelhos de DVD, dois projetores de *slides*, um aparelho de som, e caixas amplificadas, uma máquina fotográfica digital e quatro computadores na sala de informática, a qual está sendo ampliada.

O quadro de profissionais é composto por catorze professores, sendo doze graduados e especializados e dois estão terminando a graduação (são estagiários, mas são efetivos – ou seja, têm a carteira assinada). Ressalte-se que todos do corpo docente têm carteira assinada. Ademais, há uma coordenadora pedagógica, uma secretária, direção e vice-direção.

¹⁶Todas as informações do Colégio Simonton foram fornecidas pela coordenadora da unidade escolar, sendo que o diretor consentiu a transmissão das informações.

3.3 Dados demográficos de Cachoeira: lócus da pesquisa

O município de Cachoeira fica localizado na microrregião de Santo Antônio de Jesus, situado às margens do Rio Paraguaçu. A cidade é também conhecida como “Cidade Monumento Nacional” e também como “Cidade Heróica”, por ter participado das lutas pela independência do Brasil (IBGE¹⁷, 2010).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano 2010, Cachoeira tinha uma população estimada em 32.026 habitantes, numa área de 395 km². Do total da população, 2966 são idosos. Destes, 1225 são homens e 1741 mulheres. Dos que têm idade entre 60 e 64 anos, 337 são homens e 462 mulheres; dos que possuem 75-79 anos, 123 são homens e 259 mulheres; e dos que encontram-se entre 90 e 94 anos, 11 são homens e 40 mulheres. No que se refere aos jovens com idade entre 10 a 14 anos, tem-se 3.173 pessoas, sendo que 1.612 são homens e 1.561 mulheres; na faixa etária que compreende dos 15 aos 19 anos, tem-se que 1978 são homens e 1907 são mulheres.

Para compreender melhor a situação socioeconômica e de desenvolvimento da cidade da Cachoeira é importante fazer referência a alguns dados. De acordo com o PNUD/2000, a capital do Estado - Salvador possui um IDH de 0,805, o qual pode ser considerado elevado. O PIB dessa metrópole corresponde a R\$ 32. 824 229 mil, ocupando o oitavo lugar no Brasil. Quanto ao PIB per capita, esse corresponde a R\$ 10.948,50. (IBGE/2009).

Comparando os dados da capital com a cidade, onde foi realizada a pesquisa, podemos perceber algumas semelhanças Cachoeira possui um índice de Desenvolvimento Humano¹⁸ de 0,681, o qual é considerado médio, colocando a cidade na 42ª posição no Estado e na 3.287ª em nível nacional. (PNUD, 2000). O índice na Bahia corresponde a 0,688 e do Brasil a 0,766. Isso revela que Cachoeira possui um IDH que quase não se distancia do estado, sendo esse, porém inferior à média do Brasil. O PIB de Cachoeira é de R\$173.989,731 mil (IBGE/2008) e o PIB *per capita*

¹⁷IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Histórico**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?uf=ba>, acesso em: 02 de outubro de 2012.

¹⁸**Indicadores Sociais do Município de Cachoeira**. Disponível em: http://www.viablog.org.br/conteudo/Indicadores_Cachoeira.pdf, acesso em 10 de outubro de 2012.

corresponde a R\$ 5 194,50 (IBGE/2008). O Rendimento mensal domiciliar¹⁹ *per capita* nominal - valor médio – total de R\$ 322,00.

Cabe destacar que a cidade de Cachoeira oferece ensino superior, no âmbito público e privado, contando com um campi de uma instituição federal – Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e uma instituição presencial: Instituto Adventista de Ensino do Nordeste (IAENE), além da faculdade na modalidade de ensino à distância - Faculdade de Tecnologia e Ciência (FTC).

¹⁹ Sendo o valor médio e mediano do rendimento mensal total nominal por sexo - médio – homem R\$717,00 e o das mulheres é de R\$ 531,00; o que demonstra que os homens ainda continuam ganhando significadamente mais do que as mulheres.

4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A VELHICE A PARTIR DOS JOVENS DO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO ESTADUAL EDVALDO BRANDÃO CORREIA E DO COLÉGIO SIMONTON EM CACHOEIRA

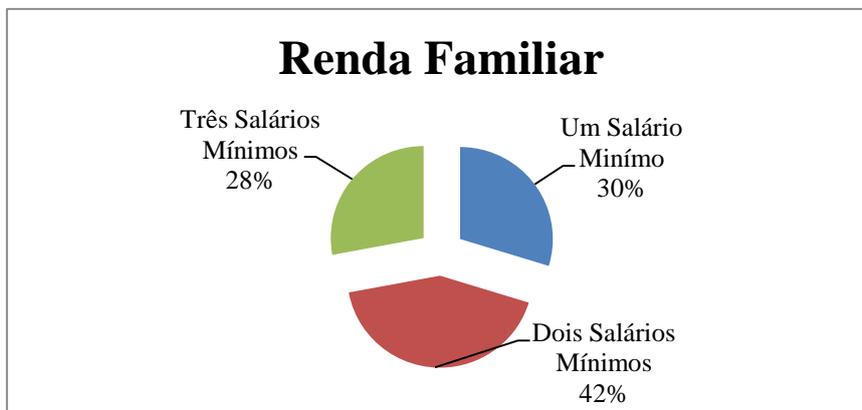
4.1 Dados sociodemográficos dos sujeitos da pesquisa: os estudantes do ensino médio do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia e do Colégio Simonton

Do total geral dos 143 entrevistados, mais da metade (55,94%) é do sexo feminino. Quanto à idade das meninas, uma parcela (16,78%) tem 16 anos e dos homens, 13,29% tem 17 anos. No que se refere aos entrevistados do Colégio Estadual Edvaldo Brandão (60 estudantes), a maioria (61,67%) é do sexo feminino; destas, 18,33% tem 17 anos e uma parcela (38,34%) é do sexo masculino, destes 13,33% tem 18 anos. Dos entrevistados do Colégio Simonton (83 estudantes), mais da metade (51,80%) é do sexo feminino, sendo que 19,28% têm 16 anos e quase metade (48,19%) é do sexo masculino, destes, 19,28% tem 17 anos.

Quanto à naturalidade dos entrevistados, do total geral, mais da metade (67,83%) é natural da cidade da Cachoeira (76,67% dos alunos do Estadual Edvaldo Brandão Correia e 61,45% do Simonton), 14,64% de São Félix e 8,39% de Salvador. No que tange à cor, uma parcela (39,86%) autodeclarou-se preta, 40,56% pardos e 11,89% amarela. Sendo que dos estudantes do Colégio Estadual Edvaldo Brandão, 53,33% autodeclararam-se pretos e dos estudantes do Colégio Simonton, 39,76% autodeclararam-se pardos.

Quanto à renda familiar dos entrevistados (vide Gráfico 1), uma parcela significativa (32,87%) tem uma renda de dois salários mínimos. 38,33% dos jovens do Colégio Estadual Edvaldo Brandão têm renda familiar de um salário mínimo e 31,33% dos estudantes do Colégio Simonton possuem uma renda familiar de três salários mínimos. Verifica-se, pois, que a renda dos estudantes do Colégio Simonton é maior do que as dos estudantes do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia. O gráfico abaixo ilustra melhor como está dividida a renda dos entrevistados no geral e demonstra que a mesma não ultrapassa a três salários mínimos.

GRÁFICO 1: RENDA FAMILIAR DOS ENTREVISTADOS



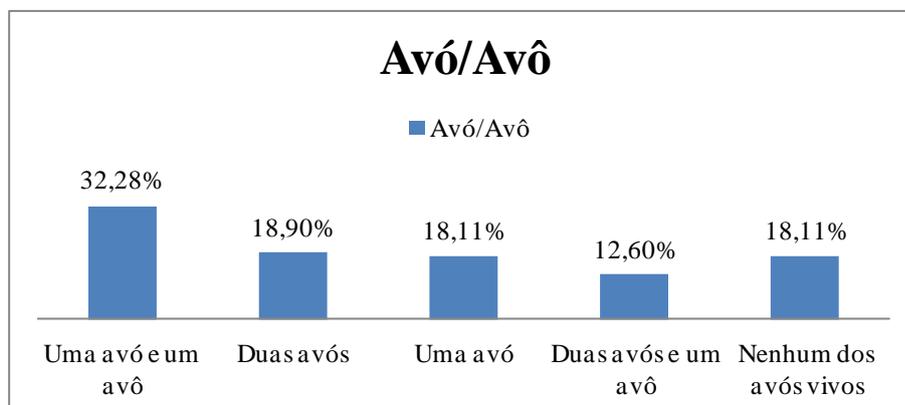
Fonte: Dados obtidos através da aplicação de questionários, no período referente a junho e julho de 2012.

A grande maioria dos entrevistados (91,61%) tem idoso na família. Dos jovens do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia grande parte (88,33%) tem idoso na família, mas esse percentual é maior (93,98%) no Colégio Simonton. O importante quanto a esse dado, é saber que a maioria dos jovens entrevistados tem a oportunidade de conviver direta ou indiretamente com a pessoa idosa.

Sabe-se também que houve um aumento na proporção de domicílios com três gerações co-residindo. Duas tendências podem explicar essa situação, quais sejam: a) os idosos estão vivendo mais e os jovens estão adiando a idade em que saem da casa dos pais; e b) o período em que os filhos dependem economicamente de seus pais tem crescido, devido à instabilidade do mercado de trabalho, ao maior tempo despendido na escola e à maior instabilidade das relações afetivas (CAMARANO; GHAOURI, 2002, p.2).

Foi constatado na pesquisa que do total de estudantes entrevistados, a grande maioria (88,81%) tem os avós vivos, destes 32,28% têm uma avó e um avô vivos (vide Gráfico 2). Além disso, 68,18% têm contato com a avó e o avô, sendo que boa parte dos alunos (29,37%) mora no domicílio de seus avós. Esses dados estão em conformidade com o que Dimenstein (2002 *apud* ARAÚJO, CARVALHO, 2004, p.09) elenca: a maioria dos lares brasileiros é chefiada por pessoas com sessenta anos ou mais, eles arcam com boa parte do orçamento familiar ou com a totalidade. O gráfico a seguir demonstra a presença da pessoa idosa na vida dos entrevistados de uma forma direta ou indireta.

GRÁFICO 2: PERCENTAGEM DE ENTREVISTADOS COM AVÓS VIVOS



Fonte: Dados obtidos através da aplicação de questionários, no período referente a junho e julho de 2012.

Vale frisar, segundo Camarano e Ghaouri (2002, p.3), que os lares de idosos brasileiros podem ser divididos em duas categorias: **famílias de idosos** – no qual o idoso é o chefe da família ou o cônjuge e **famílias com idosos** – onde os idosos moram na condição de parentes do chefe da família. No que tange ao contato com a avó/avô, mais da metade dos entrevistados, isto é, 70,91% dos estudantes do Colégio Estadual e 66,23% dos jovens do Colégio Simonton têm contato com pessoas idosas.

Ainda cabe destacar, em conformidade com pesquisas em nível nacional, que ainda é grande o número de filhos e netos residindo com seus avós. Na pesquisa, pode-se comprovar que dos jovens do Estadual, uma pequena parcela (18,37%) e uma parte considerável (36,36%) dos alunos do Colégio Simonton residem na mesma casa dos avós.

Dentre as principais atividades feitas com o avô/avó, destacam-se para uma parte dos jovens entrevistados (20,16%) as seguintes: “*assistir, fazer as refeições e sair juntos*”; (16,13%) “*nenhuma atividade*”, (14,52%) “*conversar, assistir e passear*”.

Verifica-se um certo distanciamento ou até mesmo um tímida realização de atividades com os avós, que pode ser justificado pelo fato dos jovens verem os velhos (mesmo que os avós) como alguém bem “diferente” deles, com pensamentos e comportamento distintos, desta maneira, tendem a não querer muito contato, aproximação ou realizar atividades como eles. Como se pode comprovar através das falas coletadas:

“Não costumo fazer atividades com eles” (18EB²⁰, F, 17 anos).

“Geralmente apenas conversamos, pois não temos muito tempo disponível” (31EB, M, 18 anos).

“Nenhuma, só a visito” (70CS, F, 14 anos).

Ou ainda há aqueles que têm o contato com o avô/avó somente para ter benefícios financeiros ou pela dependência financeira dos mesmos em relação à pessoa idosa, classificando essa como a única atividade realizada com os avós, como se pode verificar através da seguinte fala: *“Pedir dinheiro!” (69CS, M, 15 anos).*

Por outro lado, alguns estudantes demonstram ter certa aproximação com seus avós e realizam várias atividades com eles, a saber: conversar, passear, ajudar nas atividades domésticas, assistir televisão, dentre outras.

“Saio com ela [a avó] para fazer caminhadas, conversar e ajudo nas atividades domésticas” (17EB, F, 18 anos).

“Minhas avós costumam me contar as histórias e experiências da vida delas, me ensinam como fazer comidas e etc. Com meu avô costumo conversar e brincar.” (52EB, F, 19 anos).

“Assisto TV, passeamos e viajamos” (73CS, F, 14 anos).

“Vou à Igreja, converso bastante com eles, enfim, moro com eles (meus avós maternos)” (120CS, F, 16 anos).

Ao serem questionados se tem contato com outros idosos que não os avós, mais da metade (61,54%) têm contato com essa geração. Dentre as atividades, quase metade (38,82%) afirmou que costuma “conversar”. Assim como há os que não desenvolvem nenhuma atividade com os idosos, há também aqueles que trabalham com os idosos, que jogam baralho ou dominó, vão à feira, dentre outras atividades, a saber:

²⁰ Como foram aplicados ao todo 143 questionários, os alunos são identificados por números, seguidos de EB ou CS. Sendo que EB corresponde aos alunos do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia e CS corresponde aos alunos do Colégio Simonton. O F é de feminino e M de masculino.

“Só fazemos conversar mesmo” (4EB, M, 16 anos).

“Sentar na porta para bater papo” (11EB, F, 16 anos).

“Trabalho e costume fazer atividades físicas” (50EB, M, 20 anos).

“Nenhuma” (71CS, F, 14 anos).

“Viajamos sempre aos feriados ou quando estou em período de férias” (72CS, F, 15 anos).

“Conversar, ajudá-los nas atividades, jogo baralho e dominó” (80CS, F, 15 anos).

Esse distanciamento e desenvolvimento ou não de atividades junto aos idosos, sejam os avós ou não, pode ser justificado pelo fato dos jovens da atualidade fazerem parte da “geração digital”, na qual a tecnologia está em alta. (EISENSTEIN & ESTEFENON, 2011). Apesar de muitos jovens serem de classes menos favorecidas, têm acesso à televisão, computador, internet, jogos online, redes sociais, celulares, mp3, mp4, dentre outros recursos tecnológicos; que levam os jovens ao convívio presencial cada vez menor com as pessoas, principalmente com os velhos, que não “falam a mesma língua deles”. Outra possível explicação para a parca existência de atividades entre essas duas gerações deva-se ao fato de na cidade da Cachoeira não existir espaços ou projetos que facilitem a aproximação e maior convivência entre jovens e idosos, através de atividades lúdicas no geral. Ainda é bastante comum nas atividades de lazer fazer-se uma cisão entre os “novos” e os “velhos”. Algo que precisa ser repensando, tendo em vista o processo mútuo de aprendizagem entre jovens e velhos.

Observa-se que as relações entre idosos e jovens são mais restritas (desenvolvimento de atividade) tanto com os membros da família (avó/avô), como com aqueles externos a ela. Sabe-se que as relações, geralmente são mais frequentes com pessoas da mesma geração, uma vez que temos maior facilidade em nos comunicar com os que compartilham e vivenciam num contexto semelhante ao nosso. Todavia, cabe chamar à atenção para a importância da convivência intergeracional, tendo em vista, que essa é essencial para as relações sociais, preservação da história, tradições culturais e memória de um povo.

4.1.1 As várias imagens da velhice

Neste tópico, serão apresentadas as respostas obtidas dos entrevistados referentes à imagem e autoimagem da velhice e questionamentos acerca do desejo ou não de envelhecer. Neste item, serão considerados todos os aspectos da fala dos entrevistados que estejam relacionados às diversas representações da velhice. Cabe destacar que para a análise de alguns dados, utilizou-se a categorização com base nas respostas obtidas, atentando-se para as questões semânticas e simbólicas, as quais foram sistematizadas da seguinte forma: a) aspectos físicos; b) aspectos psicológicos; c) aspectos sociais; d) abandono/solidão; e) negação da velhice; e f) outros (sem resposta).

Ao se analisar os dados, foi possível perceber que quando os jovens foram estimulados a pensarem numa autoimagem da velhice, eles não deixaram de lado os aspectos que remetem à juventude. Assim, verificou-se que ao fazerem referência sobre a imagem da própria velhice, os estudantes entrevistados, de ambos os colégios, demonstram certo desconforto, além de exprimir certas dificuldades em se perceber nessa fase da vida. Algo bastante compreensível, se considerarmos, por um lado, a faixa etária e fase do curso da vida que estão inseridos. A velhice surge para eles como algo desconhecido e distante da realidade. Por outro lado, grandiosa parte desses jovens convive direta e indiretamente com a pessoa idosa, o que, em tese, poderia favorecer um grau menor de dificuldade em se projetar e construir uma representação social da velhice.

O aspecto mais recorrente para descrever a velhice foi o de caráter psicológico, atingindo entre as adolescentes um total de 35,63%. Como exemplo, temos as seguintes citações: *“feliz e realizado (a), “vivido (a), sábio (a) e experiente”;* *“ativo (a), sábio (a) e saudável”*. Esse percentual foi ainda maior entre os entrevistados do sexo masculino, perfazendo um total de 46,05%. As falas a seguir servem para exemplificar como os jovens entrevistados descrevem a velhice, sobretudo a partir do aspecto psicológico:

“Eu me vejo como uma pessoa calma, um corpo saudável e uma velhice que não vai dar trabalho para outras pessoas.” (7EB, M, 17 anos).

“Me vejo como uma pessoa normal, mas com muito mais experiência e me vejo como uma velha chata.” (18EB, F, 17 anos).

“De bem com a vida, talvez um pouco chata e cansada” (21EB, F, 17 anos).

“Mal humorada, feia e sem muito valor” (70CS, F, 14 anos).

“Ser uma pessoa mais tranquila e descansar” (85CS, F, 15 anos).

“Amadurecida, feliz e de bem com a vida” (94CS, F, 16 anos).

Em segundo lugar, aparecem as recorrências aos aspectos físicos, cuja frequência entre as jovens e os jovens foi praticamente à mesma, isto é, 33,12% e 33,32% respectivamente. Podemos comprovar essa constatação através das seguintes citações:

“Sem dentes, com seios caídos e sem bumbum!” (5EB, F, 16 anos).

“Com dores nas partes do corpo, cansaço físico e careca” (6EB, M, 18 anos).

“Na verdade, eu me vejo uma idosa saudável, mesmo com dificuldade e, além disso, me vejo uma idosa disposta a tudo, ou seja, na atividade física” (10EB, F, 18 anos).

“Enrugada [pele], fraca e doente” (19EB, F, 17 anos).

“Calvo, o resto do cabelo que sobra, branco e cheio de ruga” (62CS, M, 16 anos).

“Bem de saúde, bonito e ótimas condições sociais” (64CS, M, 15 anos).

“Uma coroa como muita saúde, ótimas condições de vida e linda” (66CS, F, 15 anos).

É interessante notar que as estudantes entrevistadas fizeram uma menção um pouco maior que os jovens aos aspectos sociais, os quais aparecem como o terceiro mais recorrente. Vejamos, enquanto entre elas essa percentagem atingiu um total de 16,25%, sintetizadas da forma seguinte:

“Me vejo auxiliando meus filhos a cuidar dos meus netos” (49EB, F, 17 anos).

“Eu me vejo com a minha aposentadoria, uma pessoa vaidosa como eu sempre fui e com os cabelos brancos e minha casa própria.” (51EB, F, 18 anos).

“Com uma vida estável, filhos e netos, (...) e me divertindo” (80CS, F, 15 anos).

Logo, tanto os entrevistados do sexo masculino quanto do feminino fizeram menções bem menores aos outros aspectos, a saber: negação da velhice (5% entre as meninas e 4,76% entre os meninos), abandono/solidão (3,75% entre as jovens, não aparecendo entre os jovens). O restante não respondeu a esse questionamento ou fez menção a outros aspectos que não tiveram uma significância relevante no processo de categorização. As falas a seguir ilustram as constatações feitas:

“Eu não consigo me ver na velhice” (3EB, F, 16 anos).

“Sozinha, abandonada e triste” (58EB, F, 20 anos).

“Eu não me vejo na velhice, pois espero não estar mais viva” (122 CS, F, 17 anos).

Pode-se perceber que tanto as os jovens quanto as jovens, em geral, citam mais fatores psicológicos (35,63% e 46,05%, respectivamente). Ao afirmarem que se veem como um velho *“bacana, que nunca vai deixar de ser jovem/moderno”*, percebe-se, em consonância com Barreto (1992 *apud* RODRIGUES, SOARES, 2006, p.11), que se faz presente a ideologia do espírito jovem, segundo o qual, para ser valorizado, o velho tem que negar a velhice e identificar-se com o jovem de alguma forma. Essa mesma concepção encontra-se arraigada nas falas dos jovens entrevistados, que mesmo descrevendo a velhice a partir de vários aspectos, de uma forma ou de outra, recorrem aos aspectos relacionados ao corpo e as mudanças que lhe são inerentes ao longo do curso da vida.

Ao fazer uma comparação entre as respostas obtidas pelos entrevistados dos dois colégios, verifica-se que as meninas do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia

destacaram mais os aspectos físicos (19,16%) e os meninos mais os fatores psicológicos (15,01%), enquanto as meninas e os meninos do Colégio Simonton concordaram ao destacar mais os aspectos psicológicos (22,28% e 22,88%, respectivamente). Aos aspectos físicos, foram associados pontos como: dependência, limitações físicas, dentre outros e aos aspectos psicológicos características tanto positivas, quanto negativas, como: “chatice do velho”, “rigoroso”, “feliz e realizado (a)”. Logo, são apontadas características tanto positivas quanto negativas, o que mostra que os jovens não tem uma “ideia fixa” do que eles possam vir a ser quando se tornarem velhos.

Cabe destacar que são utilizadas várias terminologias de forma a suavizar a estigmatização que os velhos vivem no cotidiano, de acordo com a visão e a forma como as pessoas e a sociedade em geral rotulam esse segmento populacional. No estudo, foi possível verificar, em algumas falas, o uso do termo idoso (nas respostas) e não do termo velho²¹. Geralmente, estes jovens podem ter em mente a ideia de que o termo idoso seja menos ‘agressivo’, seja mais suave de pronunciar que a palavra velho ou velha.

Apesar dos jovens terem contato com os velhos e as velhas, algumas vezes foi possível constatar, em consonância com estudos anteriores, que as relações são marcadas pela intolerância ao *“que chamam de ‘chatice do velho’ e pela dificuldade de se relacionarem com o diferente”* (CALDAS; TOMAZ, 2010, p.82). Isso se comprova quando se questionou sobre como os jovens veem uma pessoa velha, assim, as meninas do Estadual relacionaram mais a imagem do velho aos aspectos psicológicos (28,34%) e os meninos associaram mais os aspectos físicos (11,66%). Já as meninas entrevistadas do Simonton associaram à velhice aos aspectos físicos (18,29%) e os meninos (25,62%), os aspectos psicológicos.

Pode-se perceber que, muitas vezes, os jovens associam os velhos como alguém com rosto enrugado, cabelo branco, utilizando bengalas, como se pode comprovar nas falas:

“Quando o rosto está enrugado e com dificuldades para várias coisas, e etc.” (4EB, M, 16 anos).

²¹ Cabe lembrar que no questionário utilizou-se o termo velho nas perguntas.

“Com cabelo grisalho, pele enrugada e com dificuldade para dirigir suas atividades diárias e com problema de saúde.” (11EB, F, 16 anos).

“Chato, cansado e fraco” (43EB, M, 18 anos).

“Aposentada, com a bengala na mão e os cabelos brancos” (51EB, F, 18 anos).

Verifica-se ainda à associação dos velhos às doenças, à fragilidade, à dependência, à indisposição, ao cansaço:

“Vejo algumas com dificuldades, ou seja, doenças. Outros - vejo dispostos a fazer exercícios, a fazer as tarefas de casa, entre outros.” (10EB, F, 18 anos).

“Dependente, experiente e vivida” (41EB, F, 17 anos).

“Uma pessoa que se vê muito velha e não pode fazer as coisas”. (50EB, M, 20 anos).

“Sem disposições para alguns tipos de atividades, feliz e pouca saúde” (66CS, F, 15 anos).

“Cansada, experiente e cuidadosa” (71CS, F, 14 anos).

“Vejo como uma pessoa cansada, entediada e doente diariamente” (84CS, M, 16 anos).

“Vejo dependente de outras pessoas, porque muitos idosos dependem de outras pessoas para tudo” (122CS, F, 17 anos).

O imaginário social acerca do velho está diretamente associado às representações impostas pelo modo capitalista de produção, cujos signos ou símbolos mais sedutores têm como alvo a preservação da força produtiva (SERAFIM PAZ, 200, p.78 *apud* SILVA, 2005, p.78). Não contrariando à lógica capitalista, alguns entrevistados associaram ao velho à perda do acesso ao trabalho, como se pode verificar na fala: *“Uma pessoa que perde o acesso à área de trabalho, não tem todos os benefícios, e às vezes são discriminados por serem idosos.”* (14EB, M, 16 anos).

Além disso, há ainda aqueles que associam o velho à sabedoria, à experiência, à responsabilidade, à prioridade nas filas:

“Como uma pessoa mais experiente, a quem devo respeitar” (15EB, F, 16 anos).

“Uma pessoa de mais responsabilidade, e que apesar de ser velho sabe muitas coisas; e uma pessoa boa para dar conselho” (38EB, F, 17 anos).

“Experiente, sabedoria e tem fila especial [prioridade]” (62CS, M, 16 anos).

“Vejo como uma pessoa sábia, com bastante experiência de vida e feliz” (72CS, F, 15 anos).

“Uma pessoa que tem muita experiência de vida e que tem muito para nos oferecer” (83CS, F, 15 anos).

Outros, ao remeterem à imagem do velho, associam-na a sentimentos e características mais negativas, como a tristeza, chatice do velho, fragilidade, lentidão, carência, como pode ser comprovada através das falas dos jovens:

“Triste, mais tranquila e ranzinza” (65CS, F, 14 anos).

“Se torna mais lenta, tranquila e não gosta de barulhos” (73CS, F, 14 anos).

“Frágil, carente de carinho e amor e privilegiada por chegar até a sua velhice” (91CS, F, 15 anos).

Verifica-se, portanto, que tanto os estudantes do Colégio Estadual Edvaldo Brandão, quanto os do Colégio Simonton, ao abordar como veem uma pessoa velha associam certas características aos velhos, tais como: “cabelo branco, pele enrugada, cansaço, fraqueza, chatice”; mas também elencaram características positivas, como: “conhecimento, sabedoria, experiência, cuidado, de bem com a vida/feliz”. Ou seja, não há uma definição rígida e única acerca da imagem da velhice, ora se ela se apresenta positivamente, ora negativamente.

Ao fazer uma comparação entre “como se veem na velhice” e “como veem um velho”, verificou-se, em consonância com Oliveira (2009) e Martinez (2007 *apud* CALDAS; TOMAZ, 2010, p.84-85), que “a imagem que o jovem faz do velho ainda é de alguém que vive outro mundo, lidando com diferentes questões, hábitos,

transformações corporais e declínio biológico e afastamento com a modernidade tecnológica”. Ao se colocarem no lugar do velho, os jovens destacaram aspectos mais positivos e ao imaginarem um velho, foi remetida à memória, aspectos mais negativos.

Verifica-se que para os jovens da pesquisa, a velhice é tratada como uma realidade mais distante, bem como é uma etapa inevitável da vida, na qual a pessoa passa por mudanças diversas. Como se pode comprovar, ao serem questionados se desejam envelhecer, do universo das meninas, a maioria (65%) e boa parte dos meninos (35%) afirmaram que sim, sendo que quase metade (44,20%) das meninas e uma parcela (25,60%) dos meninos destacaram os aspectos psicológicos como justificativa para o desejo de envelhecer, a saber:

“Porque eu não vou ficar jovem pra sempre” (2EB, F, 21 anos).

“Mas como uma idosa saudável, mesmo com dificuldade, também disposta a atividades físicas” (10EB, F, 18 anos).

“Não é tipo um desejo, mas todos vão envelhecer, a não ser que morram antes” (18EB, F, 17 anos).

“Porque um dia todos vão envelhecer” (85CS, F, 15 anos).

“Porque na vida temos as três fases que são: a infância, juventude e velhice, e queremos passar por todas elas para crescermos em conhecimento. E é um privilégio chegar à velhice” (91CS, F, 15 anos).

“Não tem outro jeito né?” (117CS, M, 16 anos).

Por outro lado, uma parcela significativa (39,49%) das meninas e mais da metade dos meninos (60,51%) não desejam envelhecer. Uma parte das meninas (18,45%) alegou os aspectos físicos como fator para rejeitar a velhice e quase metade dos meninos (36,83%) justificou a negação do desejo de envelhecer a partir das seguintes afirmações:

“As pessoas não dão devido valor e respeito que as pessoas mais velhas precisam.” (1EB, F, 16 anos).

“Porque ainda tenho muitas coisas a fazer enquanto estou jovem” (6EB, M, 18 anos).

“Porque quero ter saúde e disposição que tenho hoje, não quero ficar cheia de rugas e etc.” (11EB, F, 16 anos).

“Porque a gente velho não dá para fazer as coisas que a gente faz hoje” (63CS, M, 15 anos).

“Porque vou ficar feia, porque vou depender das pessoas pra tudo, me sentir sozinha.” (65CS, F, 14 anos).

“Porque a melhor fase da vida é a juventude” (97CS, F, 16 anos).

Verifica-se, portanto, que as mulheres, tanto do Colégio Estadual Edvaldo Brandão, quanto do Colégio Simonton, apresentam maior ‘aceitação’ da velhice, considerando-a um fator natural da vida. Cabe destacar também que os homens do Colégio Simonton apresentaram maior “aversão” à velhice, não querendo, portanto envelhecer, justificando isso através dos seguintes fatores, como: dependência, dificuldades, e vontade de fazer mais coisas na juventude. Como se pode comprovar, ao questionar se os jovens entrevistados desejam envelhecer, a maioria (69,23%) das mulheres e uma parcela (30,77%) dos homens do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia e mais da metade (66,12%) das mulheres do Colégio Simonton afirmaram que sim, enquanto a grande maioria (60,55%) dos meninos disse que não deseja envelhecer.

A fim de conhecer o significado da velhice para os jovens, solicitou-se que os mesmos definissem “o que é ser velho”. De acordo com Lima (2007, p.04), *“caracterizar uma pessoa como “velha” é um desafio, uma vez que cada indivíduo é um ser único, indivisível e, dentro de sua totalidade, tem características especiais”*. Dentre as mais variadas respostas, quase metade (37,96%) das meninas e uma parcela (27,13%) dos meninos, no geral, elencaram os aspectos psicológicos.

Ainda sobre esse item, pode-se afirmar que os estudantes de ambos os colégios chegaram a um ponto em comum, uma vez que tanto as meninas quanto os meninos do Colégio Edvaldo Brandão Correia e do Colégio Simonton destacaram mais os aspectos psicológicos (48,33%, 22,49%, 39,14% e 25,89% respectivamente). Como exemplos desta constatação, têm-se os seguintes:

“Ser velho é ser maduro, é uma fase muito importante da nossa vida” (18EB, F, 17 anos).

“É ver que muitos anos se passaram e, a depender de como você ou a pessoa vive a velhice será uma das melhores fases da sua vida, tendo tempo para aproveitar”. (31EB, M, 18 anos).

“(…) começa a sentir saudade daquilo que passou, é ver os filhos grandes com sua família, e se sentir feliz por ter uma família bonita.” (44EB, F, 18 anos).

“Ser velho é como se fosse uma reflexão de tudo que já passou na vida. Ser velho é experimentar o sabor de viver e de estar vivo” (53EB, F, 20 anos).

“É ser feliz, se cuidar, cuidar da saúde, receber sempre a visita de pessoas queridas, dentre outras coisas” (72CS, F, 15 anos).

“É um estágio da vida em que você tem um pouco mais de sossego, por não fazer mais nada (...)” (81CS, M, 15 anos).

Mas ainda há aqueles que caracterizam o velho por seus aspectos físicos, a saber:

“Com um cacetinho, cabelo branco e muito chata” (2EB, F, 21 anos).

“Porque os cabelos ficam brancos, dores no corpo e verrugas no rosto” (6EB, M, 18 anos).

“Ser velho é ter a pele enrugada (...)” (106CS, M, 17 anos).

“Ser velho é não ter mais aquela firmeza, a força de antes, é ficar completamente fraco” (116CS, M, 18 anos).

Através da análise das respostas obtidas, assim como em estudos anteriores acerca das imagens da velhice, percebe-se um conflito entre perdas e ganhos, o contraste entre as doenças, discriminação, morte – com o reconhecimento de que o velho é aquele “que viveu muito”, que acumulou conhecimentos e experiências durante a vida, e que devem ser respeitados pela sociedade, como se pode verificar através das falas:

“Ser uma pessoa extremamente experiente” (11EB, F, 16 anos).

“Ser velho é ter mais experiência de vida, é poder ajudar com o seu conhecimento, é uma fase importante na vida de todos” (13EB, F, 16 anos).

“Uma pessoa de muitas experiências e conhecimentos, que deve ser tratada com respeito e consideração” (18EB, F, 18anos).

“Ser uma pessoa que já viveu muito e sabe de várias coisas” (66CS, F, 15 anos).

“Ser velho é ensinar através de todas as experiências vividas e aprender com os mais jovens; é ser mais sábio e paciente, mas, principalmente, ser respeitado e valorizado pela sociedade” (90CS, F, 16 anos).

Por fim, houve aqueles que ao caracterizar o que é ser velho, remeteram à vontade de não envelhecer/negação da velhice, bem como a dependência, aproximação da morte, como se pode comprovar:

“Eu não queria ser velha, gostaria de ser nova. Eu acho que ser velha é muito triste pra mim.” (39EB, F, 17 anos).

“Depender dos outros” (63CS, M, 15 anos).

“É ser uma pessoa que quase não serve para nada” (99CS, M, 17 anos).

“É ficar cada vez mais perto da morte” (105CS, M, 17 anos).

“É uma pessoa que já viveu muito, agora só tá descansando, esperando a morte” (111CS, M, 17 anos).

Mais uma vez, pôde-se verificar que os estudantes não tem uma imagem clara da velhice, uma vez que os aspectos positivos e negativos são destacados na mesma proporção, pois os jovens levam em consideração tanto a experiência, sabedoria, conhecimento dos idosos, quanto às limitações físicas, “chatice do velho” e doenças.

Cabe destacar que a velhice, de acordo com Debert (1998 *apud* JUNIOR, 2004, p. 8-9), não é uma categoria natural, e muito menos “(...) as representações sobre a velhice, a idade a partir da qual os indivíduos são considerados velhos, a posição

social dos velhos e o tratamento que lhes é dado pelos mais jovens ganham significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos [...]”.

4.1.2 Aspectos positivos do envelhecimento

Sabe-se que as atitudes em relação à velhice são socialmente apreendidas ao longo de toda a vida (NERI, 2007, p.35), seja através da convivência com os velhos, a partir das observações ou através dos meios de comunicação (televisão, novelas, internet, rádio, revistas, etc.) que influenciam direta ou indiretamente na construção social de nossos valores.

Neste tópico, serão abordados os aspectos positivos da velhice, destacados pelos entrevistados. Foram analisados os valores que os jovens atribuem aos velhos, principalmente experiência, tempo livre e aposentadoria. Através da pesquisa de campo pode-se verificar que mais da metade (57,38%) das meninas (sendo 65,97% do Estadual e 57,33% do Simonton) e boa parte dos meninos (42,62%, sendo 34,03% do Estadual e 42,67% do Simonton) concordam que há coisas boas na velhice. Uma parcela significativa (31,64%) e (28,66%) das meninas e meninos, respectivamente, elencaram os aspectos sociais como sendo as coisas boas na velhice, tais como “prioridade nas filas”, “aposentadoria”, “certeza de dever cumprido”, “tempo livre”, dentre outros.

“Não trabalha, mas recebe, não faz muita coisa em casa como fazia antes” (5EB, F, 16 anos).

“A grande experiência de vida, tempo livre pra fazer o que quiser e gostar” (11EB, F, 16 anos).

“A tranquilidade e a certeza de dever cumprido” (49EB, F, 17 anos).

“Não precisa trabalhar, está sempre em casa conversando e na presença dos filhos” (66CS, F, 15 anos).

“Poucas responsabilidades, tem algumas vantagens – não pega filas em bancos – e a aposentadoria” (95CS, M, 16 anos).

“Aposentadoria, mais tempo livre e experiência” (97CS, F, 16 anos).

Dessa forma, elucida-se a importância desses elementos positivos no que tange a uma visão menos estereotipada sobre a imagem dos idosos. Os jovens dos dois colégios destacaram quase os mesmos aspectos, dentre os quais, podemos citar os seguintes: aposentadoria, experiência, sabedoria, prioridade nas filas, receber a atenção e cuidado dos familiares.

A fim de conhecer mais um pouco sobre as representações dos jovens acerca da velhice, foram elencados alguns fatores, tanto positivos quanto negativos sobre a pessoa velha e o processo de envelhecimento. Nesta parte do questionário, os jovens foram convidados a escolher quais elementos eles associavam ou não à velhice, sendo as possibilidades de resposta: “concordo, concordo totalmente, discordo, discordo totalmente.” Nesta parte do trabalho, serão destacados os elementos positivos, elencados pelos jovens entrevistados.

Ao analisar a assertiva “só há doença x a pessoa é saudável”, percebeu-se que os jovens não somente associam os velhos à doença, mas também ao fator saúde (pessoa saudável), esta concepção pode ser associada às melhores condições de vida (lazer, prática de esportes, vida social ativa) que muitos idosos passaram a vivenciar depois da aposentadoria; como se pode comprovar que uma parcela significativa (38,46%, sendo 31,67% dos entrevistados do Estadual Edvaldo Brandão Correia e 43,37% do Colégio Simonton) que discorda que só há doença na velhice, concorda que a pessoa nessa fase da vida é saudável. Esse aspecto entra em contradição com a pesquisa de Neri (2007, p.36), uma vez que *“27% dos idosos e 13% dos não idosos admitiram que velhice é sinônimo de doença”*.

Mais da metade dos entrevistados (61,54%, sendo 60% do Colégio Estadual e 62,65% do Colégio Simonton) concorda que na velhice a pessoa tem mais tempo livre. Ao se referir sobre esse assunto, muitos dos entrevistados responderam positivamente, tendo em vista que a maioria dos velhos são aposentados, não precisando mais trabalhar.

Ainda verificou-se que os estudantes não associam a velhice somente a aspectos negativos, muitos preconceitos estão sendo desmitificados e os mesmos passam a conceber a velhice de forma mais positiva, como se pode verificar que uma parcela significativa (46,15%, destes 46,99% do Estadual e 45% do Simonton) dos alunos discorda da afirmação de que “a pessoa é mais isolada, mal humorada e insegura”.

No que tange ao tópico “a pessoa é ultrapassada”, mais da metade dos entrevistados (53,85%), em geral, discordam de tal assertiva. Através dos dados obtidos, pode-se verificar que os alunos do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia apresentam uma visão mais positiva ao se referir ao aspecto “a pessoa é atualizada, mais útil e sábia”, uma vez que boa parte (46,15%, sendo 53,33% dos alunos do Estadual) concorda com a afirmativa.

Aspectos como alegria e valorização do velho foram apontados pelos entrevistados como aspectos positivos, pois ao analisar a frase “a pessoa é alegre x a pessoa é triste”, quase metade (44,76%, sendo 45% dos alunos do Estadual e 44,58% do Simonton) dos que concordam que “a pessoa é alegre” na velhice, discordam que ela seja “triste”; e mais da metade (66,13%) dos que discordam que “a pessoa é muito desvalorizada” na velhice, concordam que nesta fase da vida ela seja “muito valorizada”. Através da análise dessas assertivas, percebe-se que os jovens estão olhando o velho mais positivamente, talvez porque na atualidade as imagens dos velhos difundidas nos meios de comunicação (televisão, revistas, jornais, novelas, rádio) estejam sendo representadas de certa forma de uma maneira mais positiva, levando-se em consideração que “*é melhor ser idoso hoje do que há 20 ou 30 anos*” (NERI, 2007, p.40). Além disso, são propagadas imagens de um velho ativo ou velha ativa e com “espírito de jovem”, atendendo a lógica do mercado consumista.

Sabe-se que a morte é um dos elementos que corriqueiramente é associado à velhice, tendo em vista uma maior relação dessa fase com a proximidade da morte. Ao refletirem sobre a assertiva “angústia com a morte”, grande parte dos estudantes entrevistados (41,26%) discorda que na velhice os velhos vivam angustiados com a morte, sendo 43,37% do Simonton e 38,33% dos alunos do Estadual. Através dessa resposta, verifica-se que os jovens estão conseguindo quebrar certos paradigmas associados à velhice e pensando nesta fase mais positivamente.

Percebe-se que se começa a configurar uma imagem de um idoso mais participativo, com independência financeira, sabedoria, prioridade e possuidor de direitos, como qualquer cidadão. Isso foi possível observar na pesquisa, quando mais da metade (51,75%, temos que a grande maioria - 54,22% é aluno do Simonton e quase metade - 48,33% do Estadual Edvaldo Brandão Correia) concorda totalmente que “os velhos são superimportantes numa sociedade, devido à sabedoria”.

Além disso, também se pode perceber que os jovens reconhecem o valor dos velhos na sociedade, devido à sabedoria, haja vista que uma mais da metade (57,34%, sendo que: 57,83% dos alunos do Simonton e 56,67% do Estadual) concorda totalmente com a frase: “graças aos velhos, podemos passar conhecimentos de geração para geração”.

Quanto aos direitos da população idosa em geral, tem havido uma maior discussão e divulgação acerca dos mesmos, sobretudo com a aprovação do Estatuto do Idoso em 2003. Na pesquisa, pode-se verificar que os jovens veem os velhos como um cidadão de direitos, que devem ser respeitados e admirados, visto que uma parcela significativa, isto é, mais da metade dos entrevistados (51,05% destes: 50,6% são os alunos do Simonton e 51,67% os alunos do Estadual) concorda totalmente que “a pessoa velha tem os mesmos direitos que qualquer outra pessoa”. No que se refere ao tópico “a pessoa velha deve ser tratada com respeito e admiração”, a grande maioria (74,13%) concorda totalmente com essa frase - sendo 83,13% dos alunos do Simonton e 61,67% dos alunos do Estadual Edvaldo Brandão Correia.

Quanto ao reconhecimento da velhice como uma fase importante da vida, verificou-se que metade dos entrevistados (50,6% e 51,67% dos jovens do Simonton e do Estadual, respectivamente) concorda totalmente que “a velhice é uma fase importante da vida”.

Além disso, percebeu-se também que os jovens reconhecem a importância dos velhos, a experiência e uma convivência e ajuda mútua entre jovens e velhos, uma vez que mais da metade (62,63%) dos alunos do Simonton e metade (51,67%) dos do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia concordam totalmente que “os jovens podem aprender muito com as pessoas velhas”. E quanto ao aspecto: “velhos e jovens podem trocar experiência e se ajudar mutuamente”, uma parcela significativa (60,24%) dos entrevistados do Simonton concorda totalmente e quase metade (48,33%) dos jovens do Estadual.

4.1.3 Aspectos negativos do envelhecimento

“Quando o critério etário é utilizado para fazer avaliações negativas, que desvalorizam ou desqualificam, entra-se no campo dos estereótipos (do grego *stereós* = sólido ou firme + *typos* = modelo, símbolo ou exemplar)” (NERI, 2007, p.37). O campo das atitudes que inclui o estigma²² como um atributo ou uma identidade social que marca pessoas ou grupos para serem objetos de desvalorização, independente de seus outros atributos (GOFFMAN, 1963). Nesse sentido, em muitas culturas, os grupos estigmatizados tendem a ser *negativamente estereotipados*.

Sobre os sentimentos em relação à velhice, Neri (2007, p.34) afirma que eles são carregados de valor e oscilam entre “*encanto e o terror, a aceitação e a rejeição, a valorização e a negação, o respeito e a desvalorização, dependendo do que conhecemos a seu respeito (...)*”. Nesse tópico, serão abordados os aspectos negativos relacionados à velhice por parte dos entrevistados.

Na pesquisa, percebeu-se que quando são referenciados aspectos negativos acerca da velhice são explícitos aspectos como preconceito, desvalorização social, maus tratos, limitações, dentre outros. “*Essa visão negativa em relação à velhice se acentua devido à cultura de exaltação da juventude, com predomínio dos valores estéticos sobre os outros valores*” (NUNES, SOUSA, et alli, 2011, p.04).

Através dos dados, pode-se verificar que mais da metade (51,93%) das jovens, e quase metade (48,07%) dos meninos no geral, afirmaram que há aspectos negativos na velhice, sendo que grande parte (33,10%) das meninas e dos jovens (33,13%) apontaram os aspectos físicos:

“Doenças, não pode sair só, geralmente não se diverte porque se sente dependente” (3EB, F, 16 anos).

“Dificuldade para fazer as atividades diárias, problemas de saúde” (11EB, F 16 anos).

“Limitações físicas, facilidade em se machucar na realização de algumas atividades” (25EB, F, 17 anos).

²²Sobre estigmas, ler Goffman (1963).

“Fica doente fácil, fica mais lento, não pode fazer muitas atividades”. (64CS, M, 15 anos).

“O cansaço, as doenças por causa do sistema imunológico e ao sedentarismo”. (67CS, M, 15 anos).

Assim, compreende-se que os jovens enxergam os velhos como um ‘outro’, *“o que gera um distanciamento intergeracional, pela dificuldade de compreender e lidar com as diferenças”* (MARTINEZ, 2007 e OLIVEIRA, 2009, p.82).

Sabe-se que questões como falta de respeito, maus tratos/violência, discriminação, abandono/solidão também são denunciadas diariamente na mídia, uma vez que essas ações têm aumentado no cotidiano dos velhos. A mídia seja através dos jornais, novelas, reportagens, dentre outros; tem exposto esses problemas que acometem os velhos, tendo em vista a alertar a população, principalmente as famílias dos velhos, apesar de que, muitas vezes, os agressores são os próprios familiares. No estudo, pôde-se verificar que os jovens apontaram esses aspectos dentre os aspectos negativos da velhice, como se pode comprovar nas falas:

“Muitas pessoas não respeitam os mais velhos e não dão a atenção devida.” (1EB, F, 16 anos).

“Podem ser assaltados e sofrer maus tratos” (12EB, F, 18 anos).

“Muitas discriminações e preconceitos, (...)” (20EB, F, 17 anos).

“Muitas das famílias esquecem dos velhos e os mandam para os asilos” (80CS, F, 15 anos).

“A falta de respeito de pessoas mais novas” (82CS, F, 16 anos).

Alguns jovens alegaram também a chatice, as mudanças de humor, a dependência, a saber:

“Na maioria das vezes ficam chatos, impacientes e orgulhosos.” (17EB, F, 18 anos).

“Fraqueza, lentidão e falta de paciência” (37EB, M, 19 anos).

“Muitos dos idosos dependem das pessoas para fazer certas atividades” (96CS, F, 16 anos).

“Sofrimento, tristeza e angústia” (103CS, M, 16 anos).

Os estudantes entrevistados foram solicitados para que mensurassem certas frases, relacionando-as ou não à velhice, a partir do seguinte grau de escalamento: “concordo, concordo totalmente, discordo, discordo totalmente”. Neste item, serão discutidos alguns resultados relacionados aos aspectos negativos apontados nessa parte do questionário.

Mais da metade (62,24%) dos jovens discorda que na velhice a pessoa tem mais esperança. Ao perguntar se na velhice “a pessoa é mais sociável, bem humorada e está mais segura”, quase metade (42,17% do Simonton e 48,33% do Estadual Edvaldo Brandão Correia) discorda dessa assertiva. Sendo assim, verifica-se que os estudantes não chegam a um consenso sobre a percepção que têm da velhice, tendo em vista que ora apontam aspectos positivos do envelhecimento: sabedoria, alegria, a pessoa tem mais tempo livre; ao mesmo tempo em que apontam fatores negativos da velhice. Isso revela uma certa coerência, visto que a velhice como toda fase da vida é marcada por perdas e ganhos.

Quanto ao aspecto na velhice “a pessoa torna-se fraca”, metade (50,35%) concorda com a afirmativa, sendo quase metade (46,99%) dos estudantes do Simonton e mais da metade (55%) dos estudantes do Estadual. Sobre o aspecto distração, boa parte (36,36%) dos que concordam que na velhice “a pessoa é distraída”, discorda que ela seja “atenta”. Com relação ao aspecto “dependência”, as opiniões se diferenciam, uma vez que quase metade (40%) dos alunos do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia concorda que na velhice a pessoa é mais dependente na velhice. Os estudantes ao referirem-se ao aspecto dependência, assim o fazem, considerando que os velhos, muitas vezes, não podem desenvolver suas atividades sozinhos, quais sejam: arrumar a casa, tomar remédios, ir ao médico, ir ao banco, ao supermercado, dentre outras.

Sobre a possibilidade de na velhice a pessoa ser mais exigente, quase metade (46,85%) dos estudantes concorda que “a pessoa torna-se exigente”. Dos alunos do Simonton e do Estadual, grande parte (39,76% e 31,67%, respectivamente) dos que

concordam que na velhice “a pessoa é distraída”, discordam que “a pessoa é atenta”. Ou seja, verifica-se que apesar de reconhecerem muitas coisas boas na velhice, os jovens de ambas as escolas ainda associam a estes, aspectos como: dependência, fraqueza, distração, exigência, distração, mau-humor, dentre outros.

A respeito da produtividade do idoso, Bosi (2001 apud JUNIOR, 2004, p. 8), elenca que na sociedade industrial, as relações de produção é um dos fatores que orientam as posturas sociais, ou seja, “[...] a sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor, nem reprodutor [...]”. Na pesquisa em tela, pode-se verificar que todos os jovens, de ambas as escolas concordam totalmente que “a pessoa torna-se improdutivo” nesta fase da vida, portanto, discordam que na velhice a pessoa é “produtiva”.

Ainda sobre a produtividade do velho, Neri (2007, p.37) afirma que “*muitos preconceitos e estereótipos resultam de falsas crenças a respeito da competência e produtividade dos idosos*”. Seu resultado é a discriminação social por critério de idade, fundamentalmente motivada por razões econômicas.

Além disso, quase metade (42,26%) dos entrevistados concorda que “os idosos consomem mais do que produzem”, sendo este número maior (46,99%) dos estudantes do Colégio Simonton. Portanto, o desafio da atualidade é conviver e interagir com os indivíduos longevos, uma vez que há supervalorização do jovem, do belo e do produtivo, no qual, ser velho significa “*incapacidade e improdutividade, portanto, descartabilidade*” (RODRIGUES; SOUZA, 2006, p. 13).

Quanto ao polo antagônico “a pessoa é muito valorizada” na velhice e “a pessoa é muito desvalorizada”, verifica-se que há uma divergência de opiniões, uma vez que a maioria (71,43%) dos jovens do Colégio Simonton acredita que na velhice a pessoa é mais desvalorizada, enquanto mais da metade (71,43%) dos jovens do Estadual Edvaldo Brandão Correia aborda que na velhice a pessoa é muito valorizada. Mais uma vez, percebe-se que a imagem que os jovens têm não é precisa, nem tanto positiva, nem tanto negativa.

Ainda uma parcela relativamente pequena (16,08%) dos que discordam que “a pessoa é mais aceita”, discordam que “a pessoa é mais rejeitada” na velhice; sendo esse percentual maior (23,33%) entre os estudantes do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia.

O aspecto da beleza física ainda é muito discutido ao se falar em velhice, uma vez que hoje o mercado consumista impõe às pessoas o “culto à eterna juventude”, na qual os velhos devem buscar cada vez mais formas de se manterem mais jovens, seja através da prática de exercícios ou pelo cuidado estético. A cultura do consumismo permite que a juventude e a beleza sejam expostas por todos os lugares, de acordo com as regras das campanhas publicitárias desenvolvidas pela mídia capitalista (SANTOS, 2002, p.06). Os dados da pesquisa permitem afirmar que somente uma pequena parcela (21,68%) dos que discordam que na velhice “a pessoa fica bonita”, concorda que ela fica feia; sendo este valor maior (22,89%) entre os alunos do Simonton.

A perda da memória tem sido muito associada à velhice, uma vez que ao chegar a certa idade, alguns velhos tendem a começar a esquecer de algumas coisas. Sobre o tópico “a pessoa esquece algumas coisas”, mais da metade (60%) dos que discorda totalmente da afirmativa, concorda totalmente que “a pessoa tende a esquecer muito”; este número é maior (66,67%) entre os jovens do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia.

Por vezes, os estudantes entrevistados afirmam que na velhice “a pessoa tem uma mentalidade fechada e rígida”, grande parcela, isto é, 39,86% dos adolescentes concordam com a afirmativa. Na pesquisa, pode-se verificar que, apesar de muitos jovens conviverem com velhos (sejam avós ou não) ainda há um certo distanciamento entre jovens e velhos, ou que suas relações são temidas ou evitadas, posto que mais da metade (57,34%) dos estudantes concorda que “os velhos são pouco tolerantes com os jovens”. Afinal, pode-se afirmar nem sempre a convivência entre jovens e velhos moradores da mesma residência garante uma boa convivência ou uma imagem mais positiva do envelhecimento.

Observou-se ainda que os jovens enxergam nos velhos alguém bem diferente deles – com diferentes ideias, hábitos e que não acompanham os pensamentos modernos e a realidade tecnológica. Quanto essa constatação, tivemos que quase metade (46,85%) dos entrevistados concorda que “os velhos tem experiência, mas em conhecimento são ultrapassados”; sendo esse percentual maior (51,81%) entre os alunos do Simonton.

Ao analisar o tópico, “os idosos vivem no passado e tem medo de encarar o futuro”, verificou-se, no geral, que uma parcela (36,36%) concorda com a afirmativa, sendo esse percentual maior (39,76%) entre os jovens do Simonton. Logo, conclui-se,

de acordo com Neri (2007, p.41) que: *“no momento atual, a sabedoria dos mais velhos tende mais a ser rechaçada do que aceita, porque as mudanças sociais e tecnológicas são rápidas e numerosas para poderem ser transmitidas aos mais jovens pelos mais velhos”*.

4.1.4 Preconceitos, medos e estigmas em relação à velhice

“A morte não assusta, pois sabemos que faz parte da vida. No entanto, tememos a dependência, a perda da dignidade, a solidão e o sofrimento que, sabemos, podem anteceder a morte”
(NERI, 2007, p.33).

Neri (2007), na observação acima, resume os medos e predisposições individuais e sociais sobre a velhice. Em sua pesquisa, a autora verificou que a maioria dos idosos (80%) e dos não idosos (90%) concordaram com essa afirmativa.

Pesquisas revelam que no imaginário social, o envelhecimento tem sido comumente associado ao fim de uma etapa da vida, sinônimo de sofrimento, solidão, doença ou morte. (JARDIM, MEDEIROS BRITO, 2006, p.3).

Sobre os medos típicos da velhice, os dados da pesquisa revelam que a maioria (62,78%) das jovens e uma parcela (37,22%) dos meninos afirmaram que há medos típicos da velhice, sendo que, entre as meninas (27,17% do Estadual e 33,03% do Simonton) e os meninos (14,13% do Estadual e 12,74% do Simonton) destacaram o abandono/solidão como sendo o pior deles, a saber: “medo de ficar só”, “medo de ser maltratado (a)”, “medo do asilo”. Como se pode comprovar nas falas abaixo:

“Medo de morrer, de ficar doente, de depender de outras pessoas”
(2EB, F, 21 anos).

“De ficar em casa o tempo todo e de depender dos outros” (3EB, F, 16 anos).

“Alguns idosos tem medo de morar sozinho, por causa de algum acidente na casa. Outros que tem medo de sair sozinho, por causa da violência nas ruas, etc.” (10EB, F, 18 anos).

“Morrer, ser maltratado pela família e de ficar sozinha” (12EB, F, 18 anos).

“Medo de morrer, de ficar doente e de perder alguém querido da mesma faixa de idade” (72CS, F, 15 anos).

“Medo das doenças, medo da morte (sendo que sabemos que todos morrerão um dia) e medo de perder o amor da família” (80CS, F, 15 anos).

“Medo de ficar sozinha; de ficar dependendo de alguém em cima de uma cama e medo de ser maltratada ou agredida por pessoas novas” (82CS, F, 16 anos).

“Medo de morrer, de seus filhos botarem você no asilo e não ser visitado por eles” (83CS, F, 15 anos).

Esses elementos elencados pelos jovens, quais sejam: doenças, morte, solidão, abandono, asilamento, dependência, são o tempo todo exibidos pela mídia e discutidos por muitos teóricos, uma vez que podem ser recorrentes na vida de uma parcela dos velhos. Apesar de muitos velhos morarem com suas famílias, ou vice-versa (a família residir na casa dos velhos), estes não escapam dos maus tratos, da solidão (isolamento).

Os jovens ainda destacaram fatores ligados à beleza, uma vez que a mídia o tempo todo cria um novo ator para o mercado de consumo, reforça a promessa da eterna juventude, seja por meio de mudança no jeito de se vestir, de se comportar, nas opções de lazer, dentre outros. Esses aspectos podem ser observados nas falas dos jovens:

“Medo de ficar feia, sem nenhum dente e mal humorada”. (13EB, F, 16 anos).

“Medo de perder os dentes e ficar com a pele enrugada” (15EB, F, 16 anos).

Em suma, através da pesquisa realizada fica evidenciado, bem como em estudos anteriores, que o jovem classifica ou associa à velhice como uma etapa difícil de viver devido a fatores como: *“limitações físicas e biológicas, aos preconceitos, maus tratos e ao distanciamento com as questões que norteiam os demais membros da sociedade”* (CALDAS e THOMAZ, 2010, p. 87).

4.2 Breve Consideração

Sabe-se que boa parte das representações sociais sobre os idosos “*é fruto da atuação da imprensa, que fomenta a formação da opinião pública*” (SOUZA, 2002 *apud* JUNIOR, 2004, p. 6). Essas imagens são expressas e veiculadas através das novelas, propagandas, reportagens, dentre outras.

Verifica-se que apesar dos jovens de ambos os colégios reconhecerem a importância dos velhos na sociedade, devido a fatores como: experiência, sabedoria, conhecimento; ainda assim, fazem a associação da velhice às perdas, aos problemas de saúde que acometem os velhos etc., “*expressas na aparência do corpo, pelo sentimento em relação a ele e ao que lhe acontece: enrugamento, encolhimento, descoramento dos cabelos, ‘enfeimento’*” (BRITO DA MOTTA, 2002 *apud* JARDIM, MEDEIROS BRITO, 2006, p.5).

Guerra e Caldas (2010, p. 2933) afirmam que “*na sociedade capitalista, o trabalho é o maior preditor da qualidade de uma pessoa*”. Esse fator pode ser confirmado nas imagens que os jovens entrevistados têm da velhice quando estes referem ou associam-na, por exemplo, a perda de capacidade para o trabalho, improdutividade e aposentadoria.

Cabe destacar ainda que a discriminação aos velhos é resultado dos valores típicos de uma sociedade de consumo e de mercantilização das relações sociais. Estes, que são frutos do enaltecimento do jovem, do novo e do descartável, “*além do descrédito sobre o saber adquirido com a experiência da vida*” (FERRIGNO, 2002, p.49 *apud* SOUZA, 2005, p.39).

No entanto, percebe-se que os jovens mantêm certo equilíbrio, em suas respostas, uma vez que apontam tanto aspectos negativos – distração, esquecimento, dependência - ligados à velhice, quanto aspectos positivos- beleza, afirmam que os velhos são “legais”, mais aceitos. Verifica-se ainda que os jovens do Colégio Simonton e do Colégio Estadual veem o idoso como uma pessoa que tem os mesmos direitos deles, que devem ser respeitados e são importantes para a sociedade.

Por último, é importante destacar que:

a existência de uma identidade construída, a partir de um modelo estigmatizador de velho e a verificação de fuga desse modelo pelos próprios idosos que, como indivíduos, como seres singulares, não se sentem incluídos nele, aponta para o fundamento mesmo, próprio de construção de uma identidade social paradoxal: o velho não sou “eu”, mas é o “outro” (...)” (MERCADANTE, 1997:32, p.81).

Deste modo, as representações sociais da velhice, feitas pelos jovens do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia e os do Colégio Simonton, apontam para dois tipos de percepções: uma positiva, que se associa a velhice à longevidade, ao acúmulo de experiência, à autonomia, independência financeira; e uma percepção negativa, que se refere às alterações e limitações, à improdutividade, ao medo do abandono e da morte.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Representação social “*consiste em pensamentos, ideias, imagens, opiniões e organização de conhecimento mais ou menos disponíveis na consciência do sujeito*” (GERRA e CALDAS, 2010, p. 2937). Partindo desse conceito, a imagem do velho que temos é construída a partir da nossa vivência ou daquilo que nos é passado através da história, da sociedade e da família (BRITO, ABINTES, et. Ali, p.2). Essas imagens também são propagadas na mídia e são refletidas nos produtos simbólicos dos meios de comunicação. Uma vez que a televisão idealiza imagens do idoso, muitas vezes, distorcendo a realidade, o que pode gerar consequências como o isolamento do idoso.

Cabe também destacar, que o convívio entre gerações diferentes - jovens e velhos, principalmente - têm aumentado. No estudo, verificou-se que os jovens convivem com seus avós (68,18% tem contato com a avó e o avô) e também com outros velhos, que não os avós (61,54% têm contato). Esse fato pode ser justificado pelo alto índice de envelhecimento da população e estes velhos, segundo Guerra e Caldas (2010, p. 2934), “*têm a oportunidade de conhecer seus netos e bisnetos, formando assim uma sociedade composta por quatro gerações*”.

Também se percebeu que uma parcela significativa (29,37%) dos entrevistados, em geral, mora na mesma casa que seus avós, porém, cabe elucidar que o fato dos idosos morarem com os familiares não garante a presença do prestígio e do respeito, nem a ausência de maus tratos (RODRIGUES; SOUZA, 2006, p. 17).

Nas revistas, viu-se que as representações dos velhos é associada a indivíduos independentes, ativos, capazes de encontrar uma série de atividades para fazer nessa fase da vida. No ideário dos jovens, o velho não tem mais a mesma disposição de fazer o que fazia quando era jovem, além de depender de outras pessoas para realizar atividades diárias, dentre outros. Portanto, o velho idealizado, nas revistas, difere-se dos velhos apontados pelos jovens. Talvez possa se justificar essa divergência por dois fatores: a realidade dos velhos na cidade de Cachoeira (lôcus da pesquisa), que, em geral, tem baixa renda, problemas de saúde, e os velhos que são expostos pelas revistas, que apresentam um nível de vida médio/alto, portanto, com poder aquisitivo maior, podendo assim levar uma vida mais confortável. Além de a maioria das imagens trabalhadas pela mídia impressa, no caso a revista, supervalorizarem o idoso ativo e

saudável, eternamente jovem, tendo em vista propagandas e o mercado consumidor. Afinal, não se vende uma imagem negativa no mundo das relações mercantilizadas.

Sabe-se que a forma como a sociedade convive, marginaliza, estigmatiza, respeita os velhos, representam o fator determinante de adaptações dos idosos à velhice e ao processo de envelhecimento (FERNANDES, DUARTE, 2009, p. 119-120). Dessa forma, verificou-se que a imagem do idoso como um todo, inclusive na mídia, passou por mudanças, uma vez que, em sua maioria, eram negativas e desrespeitosas com os idosos. Posteriormente, o velho tende a ser representado de forma mais positiva ainda que seja numa perspectiva de ocasionar ou incentivar esse segmento populacional ao mercado consumidor.

Neri (2007) afirma que as atitudes frequentemente operam sem o conhecimento ou o controle consciente das pessoas, esse fato é denominado pela autora de *naturalização do preconceito*. Este, por sua vez, pode ser exemplificado por situações em que os idosos não percebem que estão sendo vítimas do preconceito. A saber, as formas de tratamento “*aparentemente carinhosas e coloquiais, como ‘velhinho’, ‘vovozinha’ e ‘tia’, podem mascarar o preconceito, assim como os termos ‘idade legal’, ‘maior idade’, ‘melhor idade’ ou ‘gatão de meia idade’ (...)*”. A autora ainda complementa que os eufemismos “*terceira idade’, ‘melhor idade’, ‘maior idade’, ‘idade legal’*”, são subterfúgios semânticos, termos aparentemente bem soantes que no fundo servem para “*mascarar a rejeição da velhice*”. (NERI, 2007, p.41)

Camarano (2002, p.70 *apud* RODRIGUES; SOUZA, 2006, p. 17), afirma que: “*[...] pode-se dizer que o aumento da longevidade conjugado com o momento pelo qual passa a economia brasileira, com efeitos expressivos sobre o jovem, tem levado o idoso a assumir papéis não esperados nem pela literatura, nem pelas políticas*”.

Verifica-se que as várias imagens da velhice apontadas pelos estudantes chegam a se confundir, uma vez que apontam tanto aspectos positivos, quanto negativos. Portanto, não há uma clareza do que seja, de fato, a velhice, exatamente por não haver a velhice, mas as diversas representações da velhice. Ademais, uma parte dos entrevistados veem a velhice como algo distante deles, já que se encontram numa fase da vida bem anterior a da pessoa velha.

As imagens mais positivas, que concebem a velhice como uma experiência heterogênea – na qual são associadas tanto experiências negativas (doenças, dependência, solidão, exclusão, preconceito, morte), quanto positivas (sabedoria,

experiência, aposentadoria, tempo livre, proximidade familiar), considerando-as como condições e fenômenos normais nessa fase da vida - ainda estão sendo construídas.

Ao perguntar se os jovens entrevistados desejam envelhecer, uma parcela significativa (73,68% do Estadual Edvaldo Brandão Correia e 62,79% do Simonton) das meninas e mais da metade (52,17%) dos meninos do Colégio Estadual afirmaram que sim, enquanto grande parte (62,50%) dos meninos do Simonton disse que não desejam envelhecer. Constatou-se, assim, que as mulheres, tanto do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia quanto do Colégio Simonton, apresentam maior ‘aceitação’ da velhice, considerando-a um fator natural da vida. Cabe elucidar que também que os meninos do Colégio Simonton apresentaram maior “aversão” à velhice, não querendo, portanto envelhecer, justificando essa postura através dos fatores como: dependência, dificuldades, e vontade de fazer mais coisas na juventude. Sobre este aspecto, Neri (2006 *apud* GUERRA e CALDAS, 2010, p. 2936) elenca que “*a velhice é um conceito historicamente construído que se integra ativamente à dinâmica das atitudes e dos valores culturais da sociedade, sendo a marca social da velhice estar em oposição à juventude*”.

Verifica-se que a “*negação da velhice*” é apresentada pelos jovens, em alguns casos, “pelo desejo de não ficar velho” e não perder a jovialidade, devido às inúmeras coisas que são possíveis de se fazer quando se é jovem, como se pode comprovar nas falas: “porque não dá para fazer as coisas que se faz quando é jovem”, “porque ainda tenho muitas coisas para fazer enquanto estou jovem”; “para não depender de ninguém”, “não quero ser velho, mas não tem jeito, a vida é assim: nasce, reproduz e morre”.

Logo, as representações sociais traduzem a “*maneira pela qual o grupo enxerga a si mesmo nas relações com os objetos que o afetam*” (DURKHEIM, 1987, p. XXVI *apud* HOROCHOVSKI, 2004, p. 94). Ou seja, a representação da velhice feita pelos estudantes pesquisados, mostra a forma pela qual eles se enxergam nesta fase da vida ou como eles veem os velhos na realidade em que vivem.

Sendo assim, o presente estudo, em consonância com Hummel (1998 *apud* GUERRA e CALDAS, 2010, p. 2934), verifica que:

a representação constrói-se sobre o medo dos indivíduos de perder a sua autonomia, liberdade, independência, as suas capacidades, sua integridade física, psíquica e moral. Tem-se medo de perder suas características positivas e medo de ficar dependente, incapaz, inútil, isolado, cativo das degradações da idade e envolvido pela exclusão.

Neste estudo, não se percebeu uma diferença significativa entre as representações sociais da velhice a partir dos estudantes do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia e do Colégio Simonton, no que se refere a “*como os jovens se veem na velhice*” e “*o que é ser velho*”. Cabe destacar que este fator não incita considerar uma possível influência da condição socioeconômica dos indivíduos, uma vez que a realidade da cidade da Cachoeira os aproxima bastante, não existem muitas diferenças entre os estudantes, uma vez que estes praticamente têm acesso às mesmas formas de lazer, vivem quase o mesmo estilo de vida, tem aproximação com velhos, dentre outros aspectos. Talvez seja possível notar uma diferença maior com a aplicação da pesquisa em centros urbanos maiores

Portanto, percebeu-se que as representações sociais dos jovens pesquisados sobre a velhice são multidimensionais, haja vista que os mesmos apontam aspectos de ordem biológica, social, psicológica e até mesmo cultural. Diante dos resultados obtidos, é de fundamental importância trabalhar mais a temática da velhice nos espaços escolares, onde os jovens estão inseridos, bem como que sejam desenvolvidas atividades com vistas a aproximação entre essas gerações (velhos e jovens) a fim de que os jovens possam reconhecer a importância da pessoa velha para a história e memória de um povo e de que as trocas geracionais ocasionaram ganhos para jovens e velhos, pois configuram como uma oportunidade de compartilhar sabedoria, crescimento pessoal e aquisição de novos conhecimentos. Logo, envelhecer “*tem o extraordinário mérito de sintetizar todas as fases do ser humano: a criança, do jovem, do adulto e do velho*” (BRITO, ABINTES, et. Ali, 2009, p.8).

Em suma, a pesquisa com os estudantes de ambos os colégios, um público e um privado, demonstrou que as representações que esses jovens estudantes têm da velhice tem uma íntima relação com o espaço onde vivem e que a velhice configura com uma construção social, permeada de aspectos negativos e positivos, que ora se confundem e se mesclam entre si.

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE, Ana Paula Trindade de; ARAPIRACA, Mary de Andrade. **Luz, câmera e ação: possibilidades de leituras e escritas imagéticas do cinema documentário na educação.** Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem05/COLE_1313.pdf, acesso em 25 de maio de 2012.

ALEXANDRE, Marcos. **Representação Social: uma genealogia do conceito.** *Comum*: Rio de Janeiro. v. 10. n. 23. p. 122-138. julho-dezembro/2004. Disponível em: <http://facha.edu.br/publicacoes/comum/comum23/Artigo7.pdf>, acesso em 21 de abril de 2012.

ALVES, Andréa Moraes. **Os idosos, as redes de relações sociais e as relações familiares.** In: *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade.* Organizadora Anita Liberalesso Neri. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007. P. 125 – 139.

_____. **Algumas reflexões sobre sexo, idade e cor.** Dossiê. In: *Caderno CRH*, Salvador, v. 17, n. 42, p. 357-364, Set./Dez. 2004.

ANDRADE, Naiana. **O idoso em foco no Estado de Minas.** In: *Revista de Especialização em Comunicação*, n.2. ISSN 1981-190X. p.1-12. S/D Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~espcom/revista/numero2/naiana.html>, acesso em: 20 de maio de 2012.

ARAÚJO, Eliana Novaes Procopio de; **Velhice e relações intergeracionais.** *Revista Portal de Divulgação*. N.3. outubro de 2010. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/index.php>, acesso em 05 de maio de 2012.

ARAÚJO, Ludgleydsom Fernandes; CARVALHO, Virgínia Ângela M. de Lucena. **Velhices: estudo comparativo das representações sociais entre idosos de grupo de convivência.** In: *Revista UNATI, UERJ, Textos Envelhecimento*. v. 7. N.1. Rio de Janeiro: 2004. Disponível em: <http://revista.unati.uerj.br/scielo.ph?script=sciarttext&pid=51517-5928200400100004&ing=pt&nrm=180>. Acesso em 17 de novembro de 2011.

ARAÚJO, Rodrigo da Costa. **Sob os intercódigos da alfabetização do olhar.** In: Revista Virtual Partes. 2008. p. 1- 4. Disponível em: <http://www.partes.com.br/cultura/intercodigos.asp>, acesso em: 05 de maio de 2012.

BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgard Teodoro da. **Antropologia e imagem.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2006.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Velhice ou Terceira Idade: Estudos Antropológicos sobre identidade, memória e política.** Organizado por Myriam Moraes Lins de Barros. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade.** Tradução Ernesto de Carvalho. Lisboa: Dinalivro. 2. ed. 2004.

BEZERRA, Ada Kesea Guedes. **A construção e reconstrução da imagem do idoso pela mídia televisiva.** 2006, p. 1-6. Disponível em: <http://www.bocc.ubit.pt>, acesso em: 20 de maio de 2012.

BRITO, Sandra Maria de C; ABINTES, Denise de S.; et al. **Idoso como protagonista.** In: III Congresso Ibero-americano de Psicogerontologia. São Paulo, novembro/2009. Disponível em: http://www.geracoes.org.br/arquivos_dados/foto_alta/arquivo_1_id-144.pdf, acesso em: 20 de maio de 2012.

BRITTO DA MOTTA, Alda; WELLER, Wivian. **A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica.** In: Revista Sociedade e Estado. v.25. n.2. maio/agosto 2010. p. 175-184

BRITTO DA MOTTA, Alda. **A juvenilização atual das idades.** In: XI CONLAB. 2011. P. 1 – 14. Disponível em: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307738396_ARQUIVO_TextoCONLAB2011.pdf Acesso em: 01 de outubro de 2012.

_____. **A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento.** In: Revista Sociedade e Estado. v.25. n.2. maio/agosto 2010. p. 225-250. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922010000200005&script=sci_arttext, acesso em: 22 de maio de 2012.

_____. **Gênero, idades e gerações.** Dossiê. In: Caderno CRH, Salvador. v.17. n.42. p. 349-355. Setembro/dezembro 2004. Disponível em: <http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=257&layout=abstract&OJSSID=89c9d871eb466a0f7d3057f01f28157b>, acesso em: 22 de maio de 2012.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. Entrevista a Anne Marie Métaillé, publicada em Les Jeunes ET Le premier emploi. Paris – Association des Ages, 1978. P. 1-10. Extraído de BOURDIEU, Pierre. 1983. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero. P.112-121. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/16677551/Pierre-Bourdieu-A-Juventude-e-apanas-uma-palavra> Acesso em: 12 de outubro de 2012.

CALDAS, Célia Pereira; THOMAZ, Andrea Fernandes. “A velhice no olhar do outro: uma perspectiva do jovem sobre o que é ser velho”. In: Revista Kairós. Gerontologia. São Paulo, novembro 2010, p. 75-89.

CAMARANO, Ana Amélia; GHAOURI, Solange Kanso El. **Famílias com Idosos: ninhos vazios?** Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002. P. 1-27. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_ENV_ST23_camarano_texto.pdf, acesso em 11 de outubro de 2012.

CHEFER, Livea; GERALDES, Elen. **Uma nova conspiração do silêncio: idosos, cidadania e imprensa**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Cuiabá, MT, junho de 2011.

CHIZZOTTI, Antonio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.

_____. **O velho na propaganda**. In: Cadenos Pagu, 2003, p.133-155.

_____. **O Idoso na Mídia**. In: Com Ciência. SBPC/Labjor. Brasil: 2002. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento/env12.htm>. Acesso em 28 de novembro de 2011.

_____. **A reinvenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas**. In: ANPOCS, 1996. p.1-21. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs34_03 acesso em 15 de abril de 2012.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 10. Ed. 1982.

ERBOLATO, Regina M. Prado Leite. **Relações Sociais na Velhice**. In: Tratado de Geriatria e Gerontologia/ Elizabete Viana de Freitas, et al. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p. 1324 – 1331.

EISENSTEIN, Evelyn; ESTEFENON, Susana B. **Geração Digital: Riscos das Novas Tecnologias para Crianças e Adolescentes**. In: Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto. V.10. supl.2. 49^oCC do HUPE. Rio de Janeiro: 2011. Disponível em: http://revista.hupe.uerj.br/detalhe_artigo.asp?id=105, acesso em 20 de outubro de 2012.

EISENSTEIN, Evelyn. **Adolescência: definições, conceitos e critérios**. In: Adolescência &Saúde. Vol. 2 n^o 2 - Abr/Jun – 2005. 2p. Disponível em: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167, acesso em: 11 de outubro de 2012.

FERNANDES, Lígia Carvalheiro; DUARTE, Yeda Aparecida de O. **Significado de velho e velhice segundo estudantes de enfermagem: subsídios para a reformulação do ensino de graduação**. Saúde Coletiva, v.30, n.6, 2009, p.119 – 124. Editorial Bolina, Brasil. Disponível em: <http://redalyc.uamex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?i2ve=84212132006>, acesso em: 22 de maio de 2012.

FILHO, Fernando Pinheiro. **A noção de Representação em Durkheim**. In: Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n.61. São Paulo: 2004. p. 139 – 155. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64452004000100008&script=sci_arttext, acesso em 20 de julho de 2012.

GAMA, Adriana Ferreira; SANTOS, Aline Renée B. dos; FOFONCA, Eduardo. **Teoria das representações sociais: uma análise crítica da comunicação de massa e da mídia**. In: revista Eletrônica Temática, ano VI, n.10. outubro de 2010. Disponível em: www.insite.pro.br, acesso em: 22 de maio de 2012.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Tradução Roberto Cataldo Costa. Consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Lorí Viali. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. 9.reimpr. São Paulo: Atlas, 2007.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. Tradução Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude: Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. 308p.

GUERRA, Ana Carolina Lima Cavaletti; CALDAS, Célia Pereira. **Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso**. In: *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(6):2931-2940, 2010. P. 2931 – 2940. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v15n6/a31v15n6.pdf> Acesso em: 12 de outubro de 2012.

GUERRA, Gilberto Clarício Martinez; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. **A institucionalização de Representações Sociais: uma proposta de Integração Teórica**. REGE, São Paulo, Brasil, v.18, n.3, p.339- 359, julho-setembro/2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rege/article/view/36742/39463>, acesso em 15 de setembro de 2012.

HOROCHOVSKI, Marisete Teresinha Hoffmann. **Representações Sociais: delineamento de uma categoria analítica**. In: *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Vol.2, n.1, janeiro-junho/2004, p. 92-106. Disponível em: www.emtese.ufsc.br, acesso em: 22 de maio de 2012.

IBGE, **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/resultados_do_universo.pdf, acesso em 20 de outubro de 2012.

IBGE. **Cidade Cachoeira**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=290490#>, acesso em 18 de outubro de 2012.

JARDIM, Viviane Cristina F da Silva; MEDEIROS, Bartolomeu Figueroa de; BRITO, Ana Maria de. **Um olhar sobre o processo de envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice**. In: *revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*. v. 9.n.2. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: http://revistaunati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=51809_90232006000200003&nrm=iso, acesso em: 22 de maio de 2012.

JUNIOR, Gilberto Pinheiro. **Sobre alguns conceitos e características de velhice e Terceira Idade: uma abordagem sociológica.** In: Revista UDESC. Disponível em: <http://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1255/1067>. Outubro de 2004. São Paulo, p.1-14. Acesso em 14 de dezembro de 2011.

LEÃO, Aline; SARMENTO, Andressa N; LOUREIRO, Luzitania P. **A imagem dos idosos nos meios de comunicação.** In: Anais da 58ª Reunião Anual da SBPC, Florianópolis – SC – julho/2006. Disponível em: http://www.sbpnet.org.br/livro/58ra/SENIOR/RESUMOS/resumo_762.html, acesso em: 22 de maio de 2012.

LIMA, Maria Auxiliadora V.P; **Corporeidade e envelhecimento: as diversas faces do corpo quando envelhece.** In: Revista Connection Line. N.2. 2007. Disponível em: http://www.univag.edu.br/adm_univag/Modulos/connectionline/Downloads/arto46.pdf, acesso em: 22 de maio de 2012.

LIMA, Telma Cristiane S. de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica.** In: revista Katálysis. Florianópolis, v.10, n. especial. p.37-45, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf>, acesso em: 25 de outubro de 2012.

MALTEMPI, Maria Angela C. de Souza. **“Co-educação: uma proposta intergeracional”.** ETIC - ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA- v.2, n.2, 2006. p. 1-15. In: <http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/1321/1261>, acesso em 25 de abril de 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados.** 6.ed. 2.reimpr. São Paulo: Atlas, 2007.

_____. **Fundamentos de metodologia científica.** 3.ed. ver. E ampl.. São Paulo: Atlas, 1991.

MARTINS, Claudia Regina N. **O envelhecer segundo adolescentes, adultos e idosos usuários do SESC Maringá: um estudo de Representações Sociais.** Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Mestrado em Psicologia. Florianópolis: fevereiro de 2002. Disponível em: http://www.geracoes.org.br/arquivos/dados/foto_alta/arquivo_1_id-208.pdf, acesso em: 25 de outubro de 2012.

MARTINS, Rosa Maria Lopes; RODRIGUES, Maria de Lourdes Martins. **Estereótipos sobre idosos: uma Representação Social Gerontofóbica**. In: Educação, Ciência e Tecnologia. P. 249 – 254. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millenium/Millenium29/32.pdf>, acesso em 12 de julho de 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Maria Cecília de Souza Minayo (org.) 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec/ Rio de Janeiro: Abrasco, 2004.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO. **Síntese dos Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2010**. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Rio de Janeiro: 2010. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2010/SIS_2010.pdf, acesso em 07 de maio de 2012.

MORAES, Viviane de. **Envelhecimento e família: novas perspectivas**. In: Revista Portal de Divulgação, n.9, abril de 2011. P.30 - 32 Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/index.php>, acesso em 05 de maio de 2012.

MOREIRA, Thaís dos Santos. **O envelhecimento populacional brasileiro e abordagem da mídia em relação a pessoa idosa**. In: Artigos.com. 2008. p.1-7 Disponível em: http://www.artigos.com/components/com_mtree/attachment.php?link_id=3281&cf_id=24, acesso em: 25 de outubro de 2012.

NETTO, Matheus Papaléo. **O estudo da velhice: histórico, definição do campo e termos básicos**. In: Tratado de Geriatria e Gerontologia. Elizabete Viana de Freitas [et. al.] (org.) 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p.2-12.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades**. In: Cadernos de Pesquisa de Administração, São Paulo, v.1, n.3, 2º semestre/1996. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>, acesso em: 25 de outubro de 2012.

NUNES, Ana Beatriz L. Monteiro; SOUSA, Margemeire Figueiredo de; et ali. **A percepção do idoso sobre o processo de envelhecimento: um estudo realizado com o**

grupo Renascer do Município de Icó – Ceará. In: UFC, Juazeiro, 2011. Disponível em: <http://encontros.cariri.ufc.br/index.php/eu/eu2011/paper/viewFile/328/338>, acesso em: 25 de maio de 2012.

NUNES, Joselice de Oliveira Sousa. **O velho que eu (não) quero ser**. In: **Gerontologia: a práxis no envelhecimento**. Noêmia Lima Silva (org). Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2005. p.101-116.

OLIVEIRA, Luis Carlos de Almeida. **A Construção Social da Realidade**. Resenha crítica. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Mestrado em Administração – PPAGEI. 2000. p.1-14. Disponível em: <http://www.celepar7cta.pr.gov.br/.../>. acesso em: 25 de maio de 2012.

OLIVEIRA, Sheila Aparecida Pereira de. **O jovem frente à velhice e ao envelhecimento: estudo realizado com alunos de 15 a 18 anos de escola pública na região do Itaim Paulista, São Paulo**. Dissertação de Mestrado em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo: 2009. 106 p. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=10462, acesso em: 25 de julho de 2012.

PALACIOS, Annamaria da Rocha Jatobá. **Velhice, palavra quase proibida, Terceira Idade, expressão quase hegemônica: apontamentos sobre o conceito de mudança discursiva na publicidade contemporânea**. Comunicação apresentação no XX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística (APL). Lisboa: outubro de 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt>, acesso em: 25 de maio de 2012.

PEIXOTO, Clarice. **Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade**. In: Myriam Moraes Lins de Barros (org.) **Velhice ou 3ª idade? Estudos Antropológicos sobre a identidade, memória e política**. 4. ed. p. 69-84. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

PRADO, Tânia Maria B. do; ARAGÃO, Vanderlea Bigossi; **A imagem do idoso na publicidade**. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba – PR. Setembro/2009. P. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0656-1.pdf>, acesso em: 25 de maio de 2012.

RODRIGUES, José Albertino (org). **Émile Durkheim: Sociologia**. Florestan Fernandes (coord). Tradução Lauro Natal Rodrigues. São Paulo: Editora Ática S.A. 5.ed, 1990.

RODRIGUES, Lizete de Souza; SOARES, Geraldo Antonio. **Velho, Idoso e Terceira Idade na sociedade contemporânea.** In: Revista Ágora, Vitória, n.4, 2006, p.1 – 29.

RODRIGUES, William Costa. **Metodologia Científica.** FAETEC/IST. Paracambi:2007, p. 2-40. Disponível em: http://professor.ucg.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/3922/material/William%20Costa%20Rodrigues_metodologia_cientifica.pdf, acesso em: 25 de outubro de 2012.

SANTOS, Geraldine Alves dos. **Os conceitos de saúde e doença na representação social da velhice.** In: Revista Virtual Textos e Contextos, n.1, nov.2002. disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/937/717>, acesso em: 13 de julho de 2012.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho Científico.** 23. ed. Revisado e atualizado. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. **Terceira idade: nova identidade, reinvenção da velhice ou experiência geracional?** In: *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 2008, p. 801-815. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312008000400011&script=sci_arttext, acesso em 14 de agosto de 2012.

SILVA, Manoella Roseane da. **A medicalização da velhice e as mudanças nas representações do idoso no Século XX.** In: Anais do Evento PPGSOCIO/UFPR, v. 15. 2011, p. 3-13. Disponível em: www.seminariosociologiapolitica.ufpr.br Acesso em 21 de abril de 2012.

SILVA, Noêmia Lima. **Mitos e verdades dos chás caseiros no imaginário social das gerações.** In: **Gerontologia: a práxis no envelhecimento.** Noêmia Lima Silva (org). Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2005. p.70-98.

SILVEIRA, Jana Rita Caetano da Silva. **A imagem: interpretação e comunicação.** Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 5, n. esp., p. 113-128, 2005.

SIMÕES, Célia Maria Jordão. **Velhice: realidade viva ou imagem sofrida?** 1999. P.1-20 Disponível em: http://cassiopeia.esel.ipleiria.pt/esel_eventos/files/1808_Celia_Simoes_Painel_3_427f842fab6c6.pdf, acesso em 25 de abril de 2012.

SIQUEIRA, Luiz Carlos Carvalho. **Reflexões da Sociologia sobre gerações e modos de vida: a(s) juventude (s) em questão.** In: V Colóquio Internacional Educação e

Contemporaneidade. São Cristóvão-SE. Setembro 2011, p.1-9. Disponível em: <http://www.educonufs.com.br/vcoloquio/cdcoloquio/cdroom/eixo%203/PDF/Microsoft%20Word%20%20REFLEXoES%20DA%20SOCIOLOGIA%20SOBRE%20GERAcoES%20E%20MODOS%20DE%20VIDA.pdf>, acesso em: 17 de agosto de 2012.

SOARES, Rosânia. **A publicidade brasileira na construção da identidade do idoso.** In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Nordeste. Salvador: 2007. p.1-15. Disponível em: <http://www.rp-bahia.com.br/biblioteca/inter-nor2007/resumos/R0357-1.pdf>, acesso em: 17 de agosto de 2012.

SOUZA, Êlda Maria Santos Cruz de. **Velhice e Provisão Familiar.** In: **Gerontologia: a práxis no envelhecimento.** Noêmia Lima Silva (org). Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2005. p.33-50.

VENTURINI, Gustavo. **Envelhecer é um privilégio?** In: teoria e Debate 71. Maio/Junho: 2007. Disponível em: <http://www.2.fpa.org.br/uploads/idosos.pdf>, acesso em: 17 de agosto de 2012.

VENTURINI, Gustavo; BOKANY, Vilma. **A velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginado.** In: Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Perseu Abramo, 2007, p.21-31.

WACHELE, João Fernando Rech et. al. **Princípios organizadores da representação social do envelhecimento: dados coletados via internet..** In: Estudos de Psicologia, 2008, p.107-116. Disponível em: <http://www.scielo.br/epsic>. Acesso em: 20 de janeiro de 2011.

WELLER, Wivian. **A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim.** In: Revista Sociedade e Estado. V.25.n.2. maio/agosto 2010. P.205-224. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922010000200004&script=sci_arttext, acesso em: 07 de agosto de 2012.

APÊNDICE I: QUESTIONÁRIO

Venho através deste, solicitar, gentilmente, a sua participação na pesquisa de campo, intitulada **“Percepções da velhice e a imagem do velho a partir do olhar dos jovens do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia e do Colégio Simonton”**. Esta pesquisa faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), tendo como orientadora a docente Marina da Cruz Silva, do curso de Serviço Social. O principal objetivo deste estudo é conhecer a percepção dos jovens do ensino médio acerca da velhice e do envelhecimento. Ressalto que todas as informações prestadas serão utilizadas com o intuito de possibilitar a realização da pesquisa e publicação das informações. Afirmando que os dados de identificação do respondente serão preservados, assim como, serão utilizados nomes fictícios para fins de análise das informações coletadas. Sua participação nesta pesquisa é de grande importância.

I - DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

1. **SEXO:** a) F b) M 2. **IDADE** _____ 3. **NATURALIDADE** _____
 4. **COR:** a) PRETA b) PARDA c) BRANCA d) AMARELA e) INDIGENA
 5. **RENDA** a) MEIO SM²³ b) 1 SM c) 2 SM d) 3SM e) 4 ou mais SM

II - RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

6. TEM IDOSO NA FAMÍLIA? a) SIM b) NÃO
 6.1 QUANTOS? a) 1 b) 2 c) 3 d) 4 OU MAIS
 7. OS SEUS AVÓS ESTÃO VIVOS? a) SIM b) NÃO
 7.1 CASO SIM:
 a) AS 2 AVÓS b) OS 2 AVÓS c) UMA AVÓ d) UM AVÔ e) UMA AVÓ E UM AVÔ
 8. VOCÊ TEM CONTATO COM SEU AVÔ/AVÓ? **CASO NÃO TENHA CONTATO, PASSE PARA A QUESTÃO DE NÚMERO 11.**
 a) SIM b) NÃO c) NUNCA d) DE VEZ EM QUANDO e) SEMPRE
 9. COM QUE FREQUÊNCIA EXATAMENTE OCORRE O CONTATO:
 a) NÓS MORAMOS NA MESMA CASA
 b) NÓS NOS ENCONTRAMOS UMA VEZ NA SEMANA

²³ SM = SALÁRIO MÍNIMO

- c) () NÓS NOS ENCONTRAMOS DUAS VEZES NO MÊS
- d) () NÓS NOS ENCONTRAMOS UMA VEZ NO MÊS
- e) () NÓS NOS ENCONTRAMOS DUAS VEZES NO ANO
- f) () NUNCA NOS ENCONTRAMOS

10. QUE TIPO DE ATIVIDADE VOCÊ COSTUMA FAZER COM SEU AVÔ/AVÓ? (COLOQUE AS 3 ATIVIDADES MAIS FREQUENTES) _____

11. VOCÊ TEM CONTATO COM OUTROS IDOSOS, QUE NÃO SEUS AVÓS? a) () SIM b) () NÃO

11.1 CASO SIM, QUE TIPO DE ATIVIDADES COSTUMAM FAZER JUNTOS? (COLOQUE AS 3 ATIVIDADES MAIS FREQUENTES) _____

III- REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VELHICE

12. DESCREVA, EM POUCAS PALAVRAS, COMO VOCÊ SE VÊ NA VELHICE (PELO MENOS 3 CARACTERÍSTICAS) _____

13. DESCREVA COMO VOCÊ VÊ UMA PESSOA VELHA. (PELO MENOS 3 CARACTERÍSTICAS) _____

14. NA SUA OPINIÃO, HÁ COISAS BOAS NA VELHICE? a) () SIM b) () NÃO

14.1 CASO SIM, ASSINALE AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS (PELO MENOS 3 CARACTERÍSTICAS) _____

14.2 CASO NÃO, POR QUÊ? _____

15. NA SUA OPINIÃO, HÁ ASPECTOS NEGATIVOS NA VELHICE? a) () SIM b) () NÃO

15.1 CASO SIM, ASSINALE AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS (PELO MENOS 3 CARACTERÍSTICAS) _____

15.2 CASO NÃO, POR QUÊ? _____

16. VOCÊ DESEJA ENVELHECER? a) () SIM b) () NÃO

16.1 CASO SIM, POR QUÊ? _____

16.2 CASO NÃO, POR QUÊ? _____

17. EM SUA OPINIÃO, HÁ CERTOS MEDOS QUE SÃO “TÍPICOS” DA VELHICE? a) () SIM b) () NÃO

17.1 CASO SIM, QUAIS? (PELO MENOS 3) _____

18. ASSINALE COM UM x SUA OPINIÃO ACERCA DAS FRASES ABAIXO:

		NA VELHICE...			
		a) CONCORDO TOTALMENTE	b) CONCORDO	c) DISCORDO	d) DISCORDO TOTALMENTE
1	SÓ HÁ DOENÇA				
2	A PESSOA É SAUDÁVEL				
3	A PESSOA TEM MAIS TEMPO LIVRE				
4	A PESSOA TEM MUITA ESPERANÇA				
5	A PESSOA É MAIS SOCIÁVEL, BEM HUMORADA E ESTÁ MAIS SEGURA				
6	A PESSOA É MAIS ISOLADA, MAL HUMORADA E É INSEGURA				
7	A PESSOA TORNA-SE FRACA				
8	A PESSOA É ULTRAPASSADA, TORNA-SE INUTIL E É IGNORANTE				

9	A PESSOA É ATUALIZADA, É MAIS ÚTIL E SÁBIA				
10	A PESSOA É PRODUTIVA				
11	A PESSOA TORNA-SE IMPRODUTIVA				
12	A PESSOA É ALEGRE				
13	A PESSOA É TRISTE				
14	A PESSOA É MUITO VALORIZADA				
15	A PESSOA É MUITO DESVALORIZADA				
16	A PESSOA É DISTRAÍDA				
17	A PESSOA É ATENTA				
18	A PESSOA TORNA-SE EXIGENTE				
19	A PESSOA É INDEPENDENTE				
20	A PESSOA É DEPENDENTE				
21	A PESSOA É CONFUSA				
22	A PESSOA FICA BONITA				
22	A PESSOA FICA FEIA				
23	A PESSOA É MAIS ACEITA				
24	A PESSOA É MAIS REJEITADA				
25	A PESSOA É LEGAL				
26	A PESSOA É CHATA				
27	A PESSOA TENDE A ESQUECER MUITO				
28	A PESSOA ESQUECE ALGUMAS COISAS				

	ASSINALE SUA OPINIÃO ACERCA DAS FRASES	a) CONCORDO TOTALMENTE	b) CONCORDO	c) DISCORDO	d) DISCORDO TOTALMENTE
29	NA VELHICE, A PESSOA TEM UMA MENTALIDADE FECHADA E RÍGIDA				
30	OS VELHOS SÃO POUCO TOLERANTES COM OS JOVENS				
31	OS VELHOS VIVEM ANGUSTIADOS COM A MORTE				
32	OS VELHOS TÊM EXPERIÊNCIA, MAS EM CONHECIMENTOS SÃO ULTRAPASSADOS PELOS JOVENS				
33	OS IDOSOS VIVEM NO PASSADO E TEM MEDO DE ENCARAR O FUTURO				
34	OS IDOSOS CONSOMEM MAIS DO QUE PRODUZEM				

35	OS VELHOS SÃO SUPER IMPORTANTES NUMA SOCIEDADE, DEVIDO A SABEDORIA QUE TRAZEM CONSIGO				
36	GRAÇAS AOS VELHOS, PODEMOS PASSAR CONHECIMENTOS DE GERAÇÃO PARA GERAÇÃO				
37	A PESSOA VELHA TEM OS MESMOS DIREITOS QUE QUALQUER OUTRA PESSOA				
38	A PESSOA VELHA DEVE SER TRATADA COM RESPEITO E CONSIDERAÇÃO				
39	A VELHICE É UMA FASE IMPORTANTE DA VIDA				
40	OS JOVENS PODEM APRENDER MUITO COM AS PESSOAS VELHAS				
41	VELHOS E JOVENS PODEM TROCAR EXPERIÊNCIAS E SE AJUDAR MUTUAMENTE.				

19. O que é ser velho? Descreva em poucas palavras. _____

OBRIGADA POR SUA VALIOSA CONTRIBUIÇÃO!